

Procurar-te



de
Miguel Vilhena

“A fundação de toda a doença mental é a resistência a experimentar o sofrimento legítimo.”

Carl Jung

Eu dedico este livro ao meu pai, aos meus amigos, a todas as outras pessoas com que me cruzei nesta vida, e às grandes personalidades, com quem embora não tenha privado, me enriqueceram com a sua vida e o seu testemunho. Todos me ajudaram a escrever esta história.

Prefácio

Eu comecei a escrever esta história há tanto tempo! Muitos dias se passaram desde então. Atentando nos dias, e procurando entendimento sobre os aspectos desconhecidos das minhas experiências, a vivência do cotidiano acabou me moldando fundamentalmente, e transformando este conto. Assim nasceu esta pequena reflexão sobre a existência.

Cada imagem presente no livro - composta por diferentes elementos, de aparência particular - ilustra a história, a retratando, mas também expande sobre as ideias do texto, avançando a narrativa, e atribuindo novos significados aos eventos descritos, assim como procura transmitir emoções particulares, enriquecendo a experiência da história. Por isso a atenção às figuras, e à nossa sensibilidade, torna a experiência do livro, e a análise da história, mais profunda e sublime.

Prólogo

Passos rápidos ecoavam pela calçada húmida, e chapinhavam nas poças das primeiras chuvas de Outono. A respiração aprofundava e acelerava, por entre suspiros nervosos ocasionais.

David estava de novo atrasado! E isso incomodava-o. Mas mais do que a angústia do tempo a lhe fugir, e do orgulho ferido, havia uma sensação estranha que o invadia e inquietava.

Mas ele não podia parar, para pensar! Na sua imaginação já conseguia ver a expressão, orgulhosa e fria, de desagrado do diretor, assim como as silhuetas jocosas dos seus colegas, cochichando por trás.

Uma dormência sedutora derramava-se sobre ele, convidando-o a alhear-se do sofrimento, o anestesiando.

Abrandou o passo, e os olhos perderam o seu brilho vítreo, mas continuava a caminhar apressadamente. Agora mais desengonçado.

À frente, um homem sentado sobre uma caixa de cartão esfarrapada, encostado ao passeio, discutia ferozmente com ele próprio, agitando a malga das esmolas na sua mão.

David, focando-se na cena, com um movimento rápido, e preciso, evitou-o, e prosseguiu.

Passou por uma mulher precocemente envelhecida, de lágrimas secas e rosto sofrido, que se preparava para atravessar a estrada, oblívia para o facto de que meros segundos antes um carro tinha dobrado a esquina, e avançava rapidamente à sua frente.

David ouviu um grito de terror, vindo do seu lado esquerdo. Virou-se sintomaticamente, mas nada viu para lá de um carro parado, e alguém subitamente a surgir dele.



O que fosse que tivesse acontecido, David não tinha tempo para gastar ali! De certeza o diretor já tinha notado a sua ausência.

«Será que ele me vai esperar à porta?»

O seu coração ressaltou, ameaçando sair pela garganta. A sua boca ficara seca com a imaginação.

Mortificado, David apressou a marcha, o quanto a capacidade física e o cansaço permitiram.

Já perto da empresa onde trabalhava, mirou a entrada vítrea a ver se lá estava alguém. Examinava o espaço, distraíndo-se de si, e do seu corpo movendo-se automaticamente.

Inesperadamente abalroou um cego, que acusando o choque com um gemido, largou o bastão, preparando-se para o contato inevitável com o piso. Quando David o agarrou, e o ajudou a se reequilibrar.

David prontamente se desfez em desculpas, enquanto estudava o indivíduo à sua frente, por instantes se deixando deter, se distraíndo e aquietando.

E logo, passado o minuto de contrição, correu, galgando os metros que faltavam até à porta.

Entretanto ainda tropeçou em um desnível do empedrado, e quase caiu, mas ninguém fez caso, e ele retomou a correria.

Capítulo I



Na noite fria e tempestuosa de Dezembro, estas linhas, saídas do coração de David, pareciam ainda mais sombrias e tristemente apaixonadas.

Todo o seu ser se curvava, no chão, inerte, sobre o texto da mensagem parcialmente escrevinhado no telemóvel, enquanto as lágrimas caíam como gotas de chuva sobre o ecrã.

«Que tenho eu nesta vida?»

«Eu não mereço isto!»

«Eu fiz tudo por amor e sofro assim...»

As questões e os desabafos amontoavam-se na sua cabeça, cada vez mais latejante e desesperada.

Num assomo de luz e de som, um raio abateu-se sobre a solitária vivenda, e tudo se desfez em sombra e silêncio.

Capítulo II

«Escuro... Está escuro...»

«Onde estou?»

«Não sei... Não consigo ver nada!»

«Apenas sinto, intensamente sinto.»

David resgatou então a consciência aos seus pensamentos, e apertou a sua mão direita, trémula e dorida, arrastando com ela a poeira do solo. Uma emoção peculiar assolou-o, inesperadamente, enquanto despertava...

- Ah! Que angústia! - sussurrou - Sinto-me estilhaçado, repartido em pequenos retalhos cortantes. Cada fragmento gritando uma dor diferente, tão própria e singular. Tão forte, capaz de ofuscar as outras, e me consumir!

Todo o sentimento e emoção, num assomo momentâneo, desvaneceram, restando somente o silêncio de um vazio assustador, insuportável. Restando apenas um cadáver vivo, mas despido de coração.

O medo nascido da incerteza, de uma perda fundamental e da estranheza, instalou-se no seu espírito, assustando-o, atormentando-o.

- De que me esqueci?! - gritou David em desespero.

O vazio, aparentemente, nada respondeu.

Capítulo III

- *Será que ainda falta muito? Já nem sei há quanto tempo caminho por este areal... Só vejo areia e mais areia... Onde é que termina este pesadelo?* - balbuciava David, enquanto procurava a custo progredir na desolada e saibrosa paisagem.

Abstraído de seus pensamentos, a natureza apresentava-se-lhe em toda a sua beleza e severidade, sobre os escaldantes toldos doirados, na amplidão estéril.



- *O cantil... água... resta pouca... quente...* - as palavras crepitavam da boca macilenta de David, à medida que a sua esperança se esvaia, com os seus passos sôfregos e titubeantes, em direção incerta.

Embora os músculos estivessem cada vez mais rígidos e pesados, o pensamento mais absurdo e os olhos cansados, algo no seu interior, talvez o coração, talvez o desejo de sobrevivência, faziam-no dar mais um passo.

- *Só mais um...* - murmurava para si.

O tempo escoava, lento e feroz, criando e acalentando a esperança da vida, e, no vestígio da sua passagem, arrasando-a, com a desilusão e o seu prenúncio de morte. A cada passo esforçado, o areal se perpetuava à sua volta, indiferente ao seu tormento crescente.

Já nada importava para David. Tudo parecia tão surreal... A paisagem. O instante. O calor. O motivo de estar ali.

Os seus pensamentos silenciaram-se, e a visão turvou...

- *Maria*. - murmurou, abandonando-se à fatalidade.

Capítulo IV

O braço esguio estendia-se sobre a mesa vítrea, e arrastava com ele uma pequena caixa, oferecendo-a timidamente.

- *É para ti.* - sussurrou docemente, enquanto os seus caracóis loiros oscilavam naturalmente sobre os ombros. Sorria apaixonada, resplandecente na sua felicidade.

Os dedos níveos tocaram o cotovelo tismado pousado na mesa, cedendo o presente que religiosamente guardavam. Musculados e fortes, lentamente os braços se abriram, e envolveram o pequeno embrulho azul. Cuidadosamente foi desfeito, o fio deslaçado, o papel desdobrado e afastado. Uma caixa rosa-claro surgiu debaixo. E no seu interior, um anel prateado, reluzindo com a luz vespertina.

Se restasse alguma dúvida a David do amor que sentia, talvez pela rapidez que o arrebatou, talvez por o considerar um sentimento tão estranho e poderoso, agora ter-se-ia dissipado definitivamente no calor do seu coração.

- *Maria... eu não sei o que dizer...* - murmurou titubeante, como que adormecido, percorrendo um sonho do qual não queria acordar.

- *Aceita tonto... Aceita!* - retorquiu divertida, e provocante.

Uma sensação ardente percorreu-o, consumiu-o, dolorosamente alegre, apertando o seu coração. Nada, nunca mais, seria como antes.

- *Eu amo-te, Maria.* - sibilou David pesadamente, afundando-se nos olhos grandes e verdes, enquanto tentava conter as lágrimas, que teimavam em surgir.



Capítulo V

Tip top.

Tip top.

Uma toada insistente propagava-se pelo ar, ecoando pelo espaço.

- Hummm...

David acordava lentamente; as suas feições recuperavam o vigor, os seus sentidos despertavam. Ganhando consciência da escuridão húmida que o envolvia, incitou o seu corpo a se levantar, mas foi ignorado. Permanecia imóvel. Incrédulo, e ainda entorpecido. Tentou novamente se erguer, mas nada aconteceu!

Esperto pelo pânico súbito, o seu coração acelerou. Uma e outra vez apelou, cada vez mais desesperado, aos seus membros para agir, mas não lhe obedeciam, jazendo inertes.

«Que se passa? Estou paralítico?! Que aconteceu? Onde estou? Onde estou???»

Acompanhando a cadência impetuosa dos seus pensamentos, a ansiedade, o medo, a impotência e o desespero tomaram-no, e o subjugaram. O seu corpo hirto agoniava na incapacidade de agir.

Arrebatado pelo choque, a sua consciência tornou-se pesada, apática, fugidia... e por fim, David adormeceu.

Capítulo VI

Um sentimento agriçoce acometeu David.

Frustrado, murmurou um “*Outra vez...*” com irritação. Deteve o olhar pelo relógio, e suspirou.

Voltou novamente a atenção para o seu copo, entretendo-se com os reflexos distorcidos da realidade à sua volta, sossegando e distraíndo-se da passagem morosa das horas.

- *Ela está atrasada...* - sussurrou desanimado.

Procurando aceitar o seu enfado, David fitou as outras mesas - as pessoas, repartindo o seu tempo entre a ingestão, a conversa, e as suas reflexões, ou isoladas, alheadas, habitando entre a realidade e a sua ficção -, casais, amigos, e solitários, gastando o seu tempo nas mesas do café.

- *A Maria nunca mais chega!* - desabafou ansioso, enquanto tentava disfarçar a sua insatisfação para ele próprio.

David mirou a aliança gasta no seu dedo, de um brilho baço. Procurava nela um rasto do amor forte, que debilmente sentia no seu coração.

As horas arrastavam-se, e Maria não aparecia. O desagrado de David avivava, atizado pela frustração, humilhação, e cansaço, intensificava, condensando-se em raiva muda. A pulsação acelerava, a respiração aprofundava, os músculos entesavam-se.

A paciência chegou ao fim! David repeliu a sua cadeira bruscamente, tilintando o copo sobre a mesa. Dirigiu-se ao balcão, secamente pagou, e saiu porta fora.



Capítulo VII

Uma ferida. Um corte superficial no braço atraiu a atenção de David.

«*De onde veio isto? Não me lembro de me magoar...*» - pensava intrigado, enquanto analisava o golpe.

Subitamente, um prurido momentâneo levou-o a esfregar subconscientemente a ferida. E sob o efêmero prazer da complacência, ondas de dor permearam o corte, e espalhavam-se pelo braço.

A incisura começou a sangrar... Pequenas gotículas de sangue formavam-se sobre o corte, submergindo-o num vermelho líquido.

- *Hummm...* - a cara de David comprimia-se num esgar de aflição e de repugnância.

Uma ardência inquietante trespassou a escoriação. Impelia-o a coçar mais um pouco... só mais um bocadinho.

David procurava, desta vez, resistir ao impulso, mas o seu desejo atormentava-o. Insidioso incitava-o, irresistivelmente o compelia. Subtilmente o tentava. Doce, docemente...

A respiração intensificou e acelerou, suor começou a ser libertado da sua pele. O coração batia mais forte, como que aceitando a provocação.

David tentava afastar do pensamento o seu capricho. Procurava entre as ideias, uma distração capaz de fazer esquecer o seu tormento, mas, como em poucas alturas, nada o compelia. A sua consciência estava inconvenientemente desocupada.

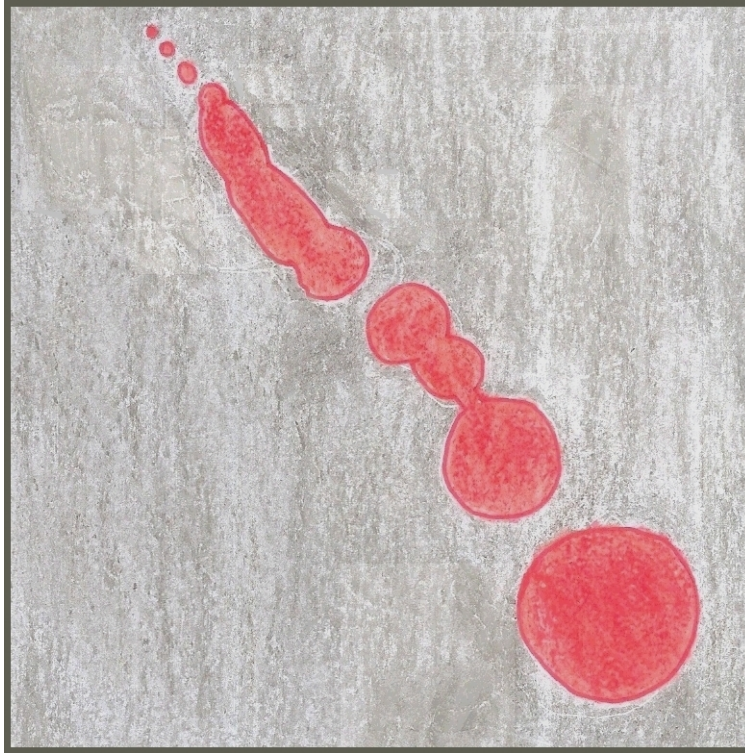
E o anseio consumia-o, testava a sua paciência, atentava contra ela, maliciosamente brincava com David.

No limiar que separa a paciência da impaciência, David sucumbiu, e rendeu-se ao seu desejo. Aproximou o seu dedo da ferida aberta, pressionou-a e começou a coçar.

Volúpia inundava-o, pernicioso e viciante, saciava e enlouquecia-o. Os músculos da sua face retorciam-se de prazer, e de dor.

Sangue começou a jorrar da ferida, que rapidamente se convertia em pústula, e, lentamente, um fio viscoso rúbeo atravessou o braço de David.

Uma após outra, gotas vermelhas espalharam-se sobre o chão.



Capítulo VIII

- *Tu nunca me ouves!* - atirava Maria colérica, e continuava - *Eu falo, falo, falo, e tu nunca te lembras!*

- *Não é por mal, tu sabes...* - titubeava David - *Eu presto atenção! Só que esqueço-me. Desculpa, eu amo-te!*

Maria suspirou longamente, de olhos semicerrados, transparecendo o seu desgaste.

- *Eu... já não sei. Estou cansada amor. Eu também gosto muito de ti...* - murmurou angustiada.

Sentindo um assomo de coragem e esperança, David segredou-lhe docemente, enquanto procurava a mão dela:

- *Eu faço tudo por ti! Eu estou aqui.* - apertou a mão frágil entre as suas - *Desculpa, às vezes estou no mundo das ideias. Mas a única coisa que eu quero és tu!*

Os lábios de Maria esboçaram um sorriso triste e baço, de quem o tempo esbateu as emoções.

- *Eu tenho tantas saudades... de como éramos. Lembras-te de quando te dei o anel? A alegria que sentia ao te ver, o amor com que me envolvia nos teus braços, o prazer que sentia em te tocar. Tu tornavas o meu mundo maior...*

Os olhos verdes adquiriram um brilho rosáceo vítreo, enquanto Maria se esforçava para conter as lágrimas, e reprimir a sensação de vazio.

David sentiu a garganta a estreitar. As palavras começavam-lhe a fugir, e as ideias a dissipar-se, à medida que compreendia a inescapável realidade.

Capítulo IX

As luzes atenuavam, cobrindo o espaço numa escuridão cúmplice. Uma música suave começava a sibilar, serpenteando lenta e sensual, percorrendo os lugares vazios.

No fundo do palco uma figura assomou, velada pela sombra. Ao ritmo cadente da música, começou a avançar rápida e confiante. Os seus cabelos reluziam, loiros, compridos, ondulantes. A sua pele afigurava-se clara e escorreita, mesmo na meia-luz.

À medida que percorria o estrado, as suas feições, os seus traços ganhavam definição aos olhos expectantes de David.

O leve vestido afinal colava-se à sua fisionomia alta e esbelta, de uma marcha arrogante e superior.

O rosto apesar de velado pelas trevas, ganhava novos contornos, novos tons, lábios carnudos, nariz ligeiramente achatado, olhos verdes...

- *Maria?! -* murmurou David atónito.

Maria alcançou o centro do palanque, dobrou os joelhos, apoiando-se nas mãos, e afundou-se nos olhos dele. Por momentos o tempo parecia que tinha parado... Fitava-o selvagem e desafiadora.

O coração de David acelerou. Do torpor, as suas emoções transbordaram imprevistas. Sôfregas, num enlace pungente e caprichoso, de mágoa e desejo.

Ela furtivamente moveu-se, gatinhando em volta, como se a cercá-lo.

As mãos de David começavam a suar. A sua boca estava seca. As pernas tremiam. Desesperava, ansiava por tocar-lhe...

Maria aproximou-se, parou na borda do palco, com os cabelos loiros a penderem sobre a sua face, ocultando-a como uma cortina. Insinuava-se selvagem. Chamando-o, provocando-o, brincando com ele.

O desejo de David crescia avassalador, atormentava-o, estremecia-o, transfigurando-se numa paixão violenta, que ecoava na memória e nos músculos. O seu corpo retesava doloroso, implorando, exigindo que ele a envolvesse, enterrasse brutalmente as suas unhas naquela pele branca e imaculada.

Num gesto rápido, vencendo toda a sua inibição, a sua mão intrometeu-se entre os fios dourados, e alcançou a pele macia e quente do rosto de Maria. A sensação era deliciosa, excruciantemente doce, reverberando por todo o seu ser.

David fechou os olhos, e, por momentos, presenciou silenciosamente a melodia do seu prazer. Lágrimas tímidas começaram a formar-se, purificadoras, trazendo-lhe satisfação que ele há muito buscava.

Farto de emoção, ele despertou lentamente. O seu coração gelo! Esquadrinhou rapidamente o salão. Num misto de horror e sofrimento, percebeu que estava só, na escuridão, só frente a um palco vazio. Só, consigo mesmo.

Capítulo X

O coração de David apertava, como se alguém o comprimissem dentro das suas mãos. Batia leve e lentamente.

A sua boca estava seca, e os lábios esbranquiçados. A garganta irritada.

Os pulmões, esses, passavam despercebidos, em movimentos subtis.

Contrastando aparecia o estômago, imenso, inchado, agitando-se a tempos irregulares. Estremecendo, ruidoso, turbulento.

As axilas desfiavam um odor ácido demasiado ativo, as costas ensopavam-se em um suor frio, as mãos ferviam.

Algo não estava certo! E David sabia-o... mas não o confessava.

Evitava-o sempre que ele aparecia. Fugia, escapava quando ele o apossava. Tentava empatar, ganhar tempo. Mas tudo parecia em vão, tudo era insuficiente quando a certeza o cercava e sacudia.

O segredo que guardava consumia-o.

«*Podia contá-lo!*» - pensou ele num impulso, num assomo de coragem que lhe alegrava as feições.

Para pouco depois abanar indolentemente a cabeça. Não, não podia! Ela nunca o compreenderia. Nunca aceitaria, aquilo que ele fez.

Talvez fosse a perfeição que Maria aparentava, ou o elevado pedestal, onde ele a tinha instalado, ou ambos, mas não sentia coragem para lhe contar. Revelar-se, revelar a sua fragilidade era insuportável, era impensável!

Mas o peso do sigilo que guardava tornava-se cada vez mais inoportuno. Apertava-lhe a garganta, ribombava na cabeça, estremecia-lhe o coração.

Antes que o sofrimento o consumisse por inteiro, rebatendo todos os medos e juízos contrários que ele a debalde criava, opondo-se à assunção do fardo que tinha assumido como o mal menor, mas que se pressionava violentamente contra a sua alma sufocando-a, David resgatou o ânimo e, enfraquecido, proferiu:

- *Eu vou contar-lhe!*

E decidido, recobrando a compostura subiu a rua.

Capítulo XI

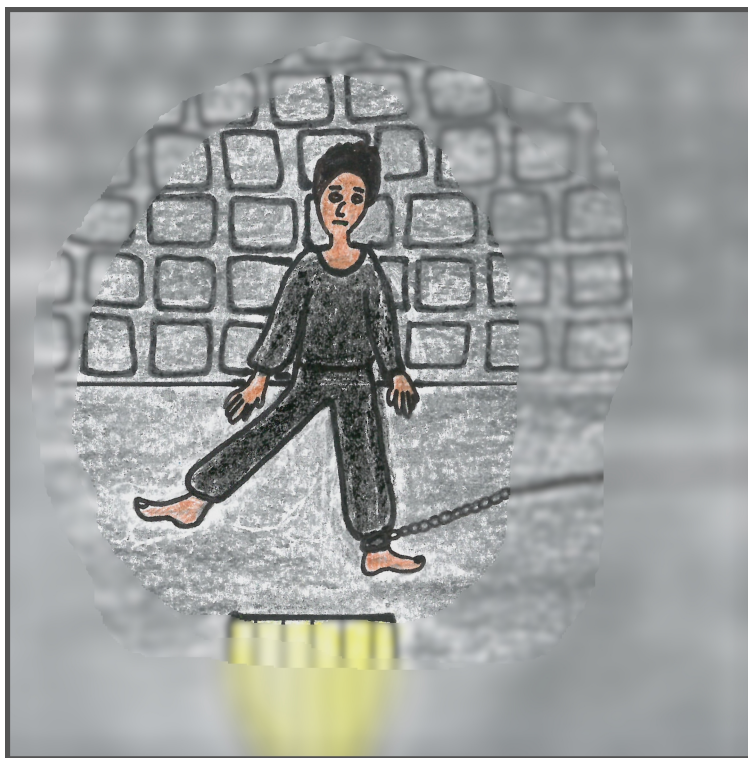
A corrente voava pelo espaço, esticando até onde a vontade de David as conseguia levar, silvando estridentemente, para logo desaparecer no negrume da cela.

Por mais que a tentasse forçar, ela não parecia ceder. O desânimo começava a apoderar-se do espírito de David.

- Irra! Não as consigo quebrar! - vociferava impotente.

Lentamente, inconfesso, a impotência transformava-se em aceitação, desfiando sobre ânimo de David, acalmando-o e o reconfortando.

Afinal podia estar pior! Encontrava-se abrigado, sem perigo discernível, e o chão não era tão incômodo como inicialmente parecia. Alguma luz e ar fresco até o agraciavam, vindos de uma pequena janela no alto.



David suspirou profundamente, entregando-se ao enfado da espera pelo seu carcereiro.

O tempo passou... O brilho matutino deu lugar a tons carregados e sombras rasteiras à tarde, e rapidamente o manto noturno se estendeu.

O estômago resmungou. David sentia uma fome crescente, que munia a sua inquietação. A paciência insidiosamente se inflamava, no silêncio, em fúria.

«Quem me prendeu?! Porquê? Porque estou eu aqui?!» - os pensamentos começaram a correr frenéticos - *«Quando eu o vir...»*

Enquanto desesperava, a vida aquietava à sua volta, esmorecia com o acentuar da escuridão, reforçando o seu sentimento de solidão.

Mas, apesar de todo o desassossego e excitação, nada tinha mudado. A cela continuava plácida, assumindo-se agora estranhamente confortável.

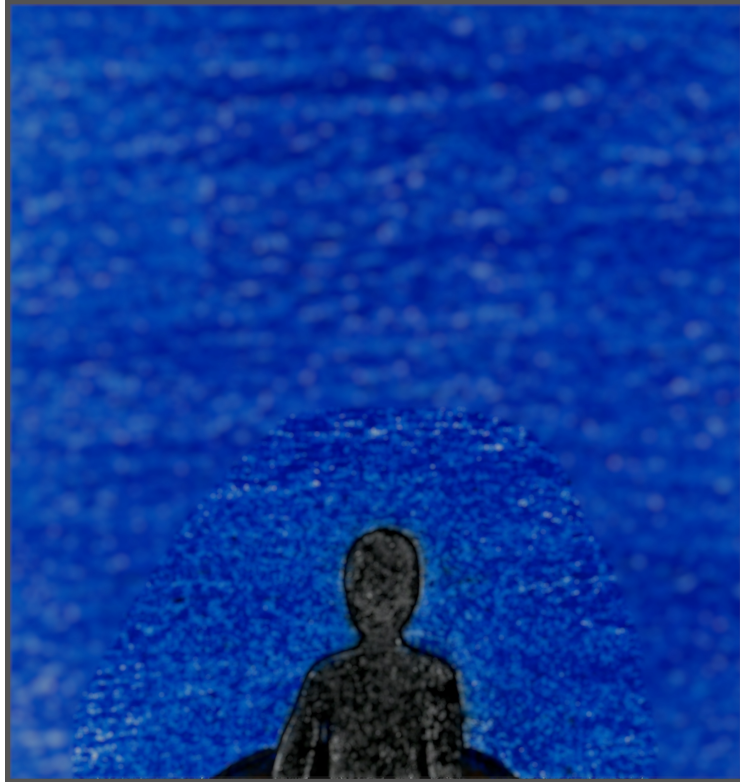
Bocejou. Estava a ficar sonolento. Podia descansar por uns minutos, de certo. Nada aconteceria.

David fechou lentamente os olhos. Relaxou os músculos, convicto de que não adormeceria rapidamente. E pouco depois rendeu-se ao sono.

Os seus medos e anseios recolheram-se, enquanto a sua consciência mergulhava num vazio familiar.

Capítulo XII

Obscurecida, fixa, entre indefinidos cristais fugidios, silenciosa... Assim era a visão dolorosa, apática, perdida, sobre o precipício.



A água parecia adormecida, sob a luz prateada. Um bordado azul escuro estendendo-se para lá dos sentidos, envolvendo em carícia sedutora, prometendo esquecimento.

A pele fria, o coração gelado, a alma devastada. O torpor vazio de emoção, desabitado, insensível, prostrando-se sobre a falésia, entorpecido.

Com a aragem fria que percorria a pele de David, uma voz de uma suave doçura lhe começou a murmurar. Incitava-o, instigava-o a penetrar mais fundo na escuridão, na serenidade que jazia no fundo do abismo.

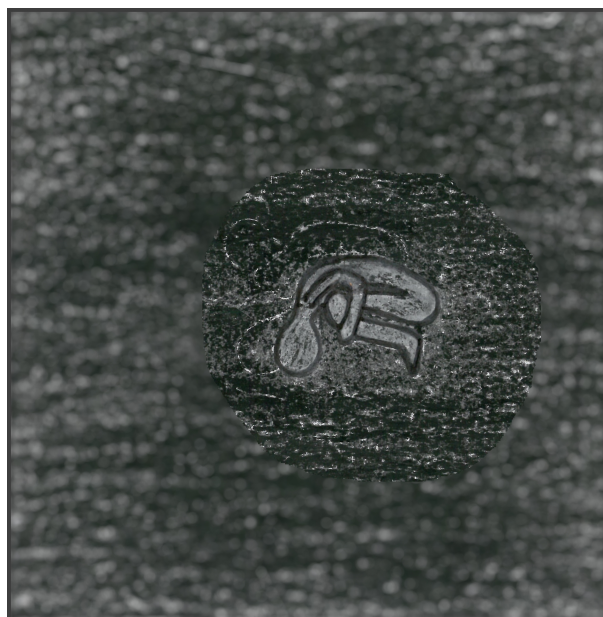
David inclinou-se, balanceando sobre o precipício. O convite era tão sedutor, e o esquecimento assentava-lhe tão bem, a ele, que estava cansado de sofrer.

O seu pensamento estava à espera da resistência cega do desejo de viver, a vigorosa apreensão sacudindo-o do seu torpor. Mas ela não surgia. Apenas a mesma mudez, apática e sofrida.

David inspirou profundamente, e lançou um suspiro desconsolado. Fechou os olhos, e atirou-se.

Capítulo XIII

Um negrume espesso e fluído, encharcando, penetrando até à alma de David. O seu corpo dobrado sobre si próprio, imóvel, perdido, dormente no éter. Uma lágrima de esquecimento cristalizada.



Cansado, sentindo-se esgotado, o seu ânimo momentâneo consumido por vagas de sofrimento, rendido. O mais fácil movimento pesado, vacilante, excruciante, roçando o impossível.

Inconsciente, de pensamentos esparsos, vagos, fugidios - vertigens atravessando o lodo, rápidas e fugazes.

David abandonava-se à escuridão, ansiava olvidar-se de si, da sua vida, e do mundo, que por ele, podia nunca mais girar.

Sem sonho, nem expectativa, esperando nada, quebrado, mortificado, assim ele mareava, fugindo à dor, distanciando-se do seu sabor.

Isolado, na sua solidão, certa, segura, pobre, escura, David alienado, dolorosamente sorria.

Capítulo XIV

Silêncio, solidão, sossego sepulcral.

Nada se ouvia, nada se mexia, nada ocorria. O corpo de David, inerte, jazia diluído na imensidão onde ele se esquecia.

O coração vagaroso, batendo inconspicuamente nas profundezas. Ninguém o ouvia, exceto David, ocasionalmente, ao longe, do sonho no qual submergia.

O tempo distendia-se, dissolvia-se numa sucessão indistinta de momentos.

E no entanto ele continuava consciente. Este facto, outrora insignificante, um mero dissabor iniludível e - pensava ele - passageiro, teimava em persistir, perturbando o seu descanso.

Lenta, subtil, inevitavelmente, a inspiração aprofundava e acelerava com o desconforto crescente, e o ar exalado afluía cada vez mais quente e tumultuoso. David desesperava.

«Eu sofri tanto! Eu abdiquei de tudo... Eu rendi-me ao torpor. Porquê, porqu' é que ainda sinto?!» - resfolgava - «Porqu' é que eu ainda sofro? Porque é que sinto esta angústia gelada, resistente a uma morte que não vem? Porquê?!»

Os vasos sanguíneos contraíam-se e distendiam-se impetuosamente, fazendo o corpo latejar, e a garganta apertava seca. O nervosismo e a ansiedade afloravam à pele.

«Eu estou farto disto! Farto de tudo! Porque é que eu não consigo fugir? Porquê?!»

Os músculos retesavam dolorosamente, os pensamentos avivavam, David despertou. Ficou subitamente petrificado. Um arrepio o trespassou, e ele pressentiu que não podia mais fugir. O passado tinha-o finalmente apanhado.

Num misto de raiva, de alegria, e de resignação, os braços e as pernas espraíram-se exageradamente na água. Sem poder fugir, David decidiu, num impulso, lutar.

Cerrando os olhos, por uma última vez, suspirou longamente. Embora desconhecesse o que o esperava, sabia que o caminho não seria fácil.

Munido do pouco alento que resgatou, David nadou, nadou em direção à luz trémula, que perscrutava a escuridão.



Capítulo XV

Os raios de sol matinais cobriam a paisagem, aquecendo o singelo argênteo dos beirais, que respingava no chão. O orvalho cintilava nas pétalas das rosas balanceadas pela brisa amena, que ocasionalmente se fazia sentir, e escorria como lágrimas.

«Eu sinto tanto a tua falta, Maria! Se tu soubesses... Sinto-me vazio. Por muito que eu fuja e negue, ainda te amo.»

Os olhos de David enterravam-se no chão, e os seus ombros descaíam, carregando sobre eles o peso da sua tristeza.

Subitamente, um pensamento o arrebatou! Acelerou o coração entorpecido, e deu foco à sua visão.

«Eu já sei! Vou recuperar-te! Eu sei que ainda gostas de mim! Eu sei!»

Agitado pela ideia, frenético, ansioso, começou a arquitetar um plano para a recuperar.

«Tu sempre gostaste de rosas!»

Do choque de múltiplos desejos e diferentes cenários na sua imaginação, nasceu uma decisão. David decidiu procurar Maria, e com uma rosa na mão, lhe confessar que a continuava a amar. Queria voltar para ela. Não iria aceitar não como resposta! Pois ela ainda o amava! Ele pressentia-o.

Assim ele partiu no encalço dela, com esperança crepitando no seu coração. Sabia de olhos fechados onde ela morava, e inconscientemente viajou até lá.

Tocou uma vez à campainha, duas vezes, três vezes seguidas, já que a sua paciência se esgotava a cada instante que passava. No entanto, nada aparentava acontecer. Os vidros, as cortinas, permaneciam imóveis, impassíveis, e não havia restolho que agitasse o silêncio, provocando uma desoladora tristeza no íntimo de David.

Desalentado, vasculhou nas suas recordações o local onde Maria estaria.

«Claro! O trabalho!»

David voou até à agência de modelos. Maria costumava passar lá o seu dia, entre trabalhos fotográficos, e a orientação de outras manequins.

Chegando à portaria reconheceu a rececionista, que o vendo, lhe piscou o olho. Já se tinham encontrado muitas vezes, desde o começo do seu namoro.

- *Olá! Podias-me chamar a Maria?* - atirou jovialmente, disfarçando o seu

nervosismo, e a razão que o trazia até lá.

- *Não sei se ela está... Eu vi-a sair apressada há algum tempo. Eu vou perguntar.* - respondeu alargando o seu sorriso, a jovem mulher.

Ela pegou no telefone, e depois de digitar alguns números e de um breve momento de espera, encetou uma conversa. A sua voz desceu ao tom de cochicho, intervalado por um ou outro pequeno guincho. Depois emudeceu parecendo escutar, perdeu o sorriso, franziu a testa, relaxou-a, e assentiu levemente, aumentando a inquietação de David.

De volta, a rapariga informou-o de que Maria realmente ainda não tinha voltado.

A esperança de David tinha sido realmente vã! Afinal, se calhar, ela não o queria ver novamente. Ele amava-a, e ainda conseguia sentir a suavidade da pele dela, ver o seu sorriso, mas talvez já não houvesse mais nada a falar. O seu coração ia apertando, com cada ideia, a cada imagem que lhe corria desabrida no pensamento, abalando-o, ferindo-o mais. A garganta estreitava...

Enquanto a visão dele ia turvando, perdendo-se com as suas incertezas e os seus medos, a rapariga à sua frente esboçava um sorriso malandro, qual criança travessa escondendo um grande segredo.

A moça fixou os seus olhos na figura se contraindo à sua frente, e interpelou-o prazenteira, sibilando com inocência aparente:

- *Olha, a Maria foi a uma sessão fotográfica. Eu posso dar-te a morada do estúdio, se quiseres...*

A sugestão atingiu os ouvidos de David, levando-o a focar-se no rosto níveo, pequeno e redondo, à sua frente, e na sua voz melodiosa.

A doçura do tom afigurava-se-lhe, estranhamente desafiador.

«*Será que ela sabe de alguma coisa?*»

Tão rápido como surgiu, esta incómoda ideia, se dissipou, na ânsia de correr até Ela, Maria, a mulher que ele adorava intensamente.

- *Sim!* - afirmou David, esforçando-se em reprimir a intensidade na sua voz - *Dá-me a morada, por favor.*

A rececionista curvou-se, desaparecendo atrás do balcão. Passados alguns momentos, ela se reergueu, e estendeu o braço exibindo um pedaço de papel escrevinhado, dependurado de sua mão.

Com movimentos rápidos e precisos, ele agarrou a morada, e prontamente se despediu. Não queria perder mais tempo ali.

Voou pelas ruas e vielas, perguntando aqui e acolá, com um pensamento único fixo na sua consciência – Maria –, para lá dos passageiros diálogos, e das variadas formas que lhe inundavam a vista, exigindo-lhe atenção. Ela estava sempre lá.

Olhando acidentalmente, de soslaio, para a placa toponímica desgastada e cintilante pregada na parede ao seu lado, David reconheceu o nome da rua. Era o mesmo do retalho de papel.

Prontamente desacelerou o passo, procurando relaxar a respiração e retomar a compostura. Mas o seu coração teimava em bater forte, ribombava dentro do seu peito, receando e ansiando o encontro com Ela. Lá conseguiu restringir um pouco o batimento cardíaco, reprimindo alguma da tensão.

Momentos depois já estava à procura do número do estúdio, nas fachadas dos edifícios pelos quais passava.

Encontrou-o finalmente, escondido no canto de uma loja térrea.

David encostou-se contra a parede do estúdio. Aí resfolegou, pela primeira vez desde que saiu da agência. Olhou em volta, e curvou-se, apoiando as mãos nos seus joelhos vacilantes, arfando. Precisava de pensar.

«O que hei-de dizer, se ela estiver ali? Talvez ela me ache doido, obcecado... e talvez eu esteja mesmo! Mas não a consigo, não a quero esquecer! Eu amo-a. Eu sinto tanto a falta dela!»

A saudade, a incerteza, e o desconforto, comprimiram-lhe o peito. E num assomo repentino de coragem, arrebatando as ideias e os sentimentos que ele tinha amalgamado e o detinham, ele reergueu-se decidido, dirigiu-se à porta, rodou a maçaneta e entrou.

Filtrada pelas vidraças, a luz vespertina cobria a pequena receção, vazia, de uma cor dourada reluzente. Atrás do balcão, a porta-deslizante estava entreaberta, e um rumorejo insinuava-se da escuridão.

David, cauteloso, aproximou-se da abertura, e olhou lá para dentro. Descortinou no fundo da divisão, sob uma ténue luz, um vulto de costas, aparentemente imóvel, curvado sobre si próprio.

Lentamente, hesitante, se aproximou da figura, que ganhou proporção e detalhe aos seus olhos. Cabelo loiro escaldado caído sobre a camisola cinzenta, e calças de ganga vincadas, sobre as sapatilhas de uma brancura baça.

- *De-desculpe, eu estou à procura da Maria. Ela, ainda está cá?* - gaguejou, envergonhado pela sua intromissão.

O homem pousou o objeto que lhe focava a atenção, e virou-se lentamente para David.

- *Quem é?* - atirou o fotógrafo, com uma inflexão mínima.

- *Sou, sou o David... o namorado da Maria...* - mentiu, hesitante, procurando reforçar a legitimidade da pergunta.

- *David...* - balbuciou o homem pensativo, fazendo uma ligeira pausa - *A Maria, não sei onde está. Acabámos há pouco. Ela deve ter voltado para a agência, não?*

Inquietação aflorou em David. Como se na resposta faltasse naturalidade, numa cadência apressada, e constrangida. Não seria mentira, mas parecia-lhe que algo ficara omitido.

Após depreciar estes receios, e afastá-los, David notou o silêncio sufocante entre eles, e os olhos azuis aquilinos estudando-o. Decidiu então, inibido, despedir-se, e voltar à agência.

- *Obrigado!* - proferiu, tentando disfarçar o desânimo e o desconforto.

- *De nada.*

Cabisbaixo, sentindo frieza e desprezo na resposta, David rodopiou, e saiu bruscamente, em direção à luz fugidia do fim de tarde.

Exausto, mortificado e inseguro, arrastou-se de volta ao átrio da agência.

David forçou um sorriso para a rececionista, que agora parecia menos afável.

- *Olá. A Maria já chegou?*

- *Não. Ela ainda não chegou.* - retorquiu a empregada com inesperada secura.

Uma sensação gelada avassaladora assaltou-o, estremecendo-o, enquanto se lhe afigurava a ideia, de que todo o cenário conspirava contra ele. A visão desfocou. Apetecia-lhe chorar, lavar a sua alma em lágrimas, mas não queria espetadores neste triste espetáculo.

David escondeu-se atrás de um sorriso doloroso e baço, desviando o seu olhar, ao se cruzar com os olhos miúdos da rececionista, e assentiu maquinalmente, olhando o soalho escuro. Virou costas, e precipitou-se desasado para fora.

Os olhos rentes ao chão, percorriam a borda irregular do passeio, enquanto ele acelerava sôfrego, soluçante, tentando resistir ao pranto. Tentava vencer a dor excruciante que o apossava, e o consumia, fugindo, para longe de tudo que lhe fazia lembrar dela, e do que sentia.

Desorientado e sem destino, desolado, olhou em volta.

Ironicamente, enquanto a cabeça tinha procurado escapular à dor, os pés o conduziram para um dos lugares que mais frequentou, com Maria. O café, onde tantas vezes namoraram.

O choque fulminou-o! Os seus olhos arregalaram-se na incredulidade, enquanto o seu coração moribundo apertava, tentando abarcar o surreal. Toda a emoção afrouxou em David, suplantada por uma dor branda, difusa, e calcinante, deixando-o pesado, desconcertado, mortificado.

Uma sensação gélida começou a envolvê-lo, inelutável. Começou a tremer. Os seus olhos secaram, fixando-se pungentemente num ponto vazio para lá do vidro, indiferentes ao bulício que ocasionalmente lhe entrecortava a visão, e o empurrava.

Como podia isto acontecer?! Ele não encontrava explicação. Porque havia de ter parado aqui? Logo neste lugar!

David engoliu em seco. Impulsivamente, tentando resgatar os últimos vestígios de Maria na sua memória, empurrou a porta e entrou.

Sentou-se pesadamente naquela mesa, aquela preferida deles, onde tantas vezes trocaram olhares sedutores, carícias, brincadeiras. Mirou o sobrado opaco à frente dele, por momentos, inexpressivo, de olhar vazio.

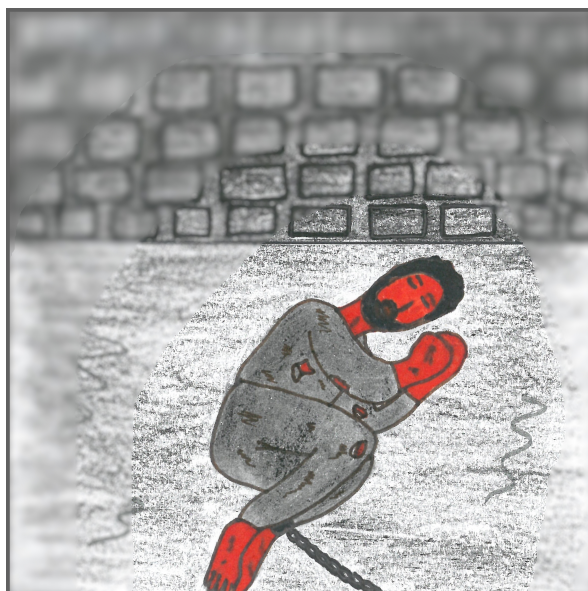
Exausto de conter o desgosto, sentindo a sua capacidade excedida, e a sua compostura desmanchada, David entregou-se à sua mágoa. Os olhos depressa se aguaram, enchendo até às bordas, e vertendo sobre o rosto inchado, descompassadamente, lágrimas sinceras de saudade, solidão, vergonha e dor.

Lá fora a temperatura arrefecia, com o cair da noite.

Capítulo XVI

Um novo dia nascia timidamente. A luz penetrava na cela escura pela pequena janela barrada no alto, ao som de trinares madrugadores, e de uma cascata ao longe.

O restolho de solas embatendo no chão ecoava pelo corredor, espicaçando o ouvido de David. O ruído estridente de uma porta de metal fechando-se estrondeou. E as batidas esmoreceram, parecendo cada vez mais distantes.



David recobrava os sentidos. O pensamento clareava, e os seus músculos tensos e gelados ressentiam-se do chão pétreo. A corrente tilintava a cada sacolejo do seu tornozelo.

«*Onde estou?*», inquiriu ele, enquanto bocejava e se espreguiçava.

Lentamente descerrou as pálpebras, sentindo o ar de um novo dia inundar-lhe a vista, com a – diminuta – claridade.

Então começou a atentar ao espaço onde se encontrava.

E o desconforto deu lugar à sensação de estranheza, que lentamente se transformou em triste realização, de que estava na sua cela, onde tinha adormecido.

O pensamento de David voltou-se sofregamente para o tirano, que o tinha aprisionado.

«*Onde está o meu carcereiro?*»

Aspirou o ar pesado, e sentiu um forte odor. Um perfume adocicado, sedutor.

«Será que ele esteve aqui?»

«Provavelmente!»

Mas por mais que esquadrinhasse o espaço, nada parecia fora de sítio. Será que estaria a brincar com ele?!

Este pensamento enfureceu David, momentaneamente. Encheu-o de uma raiva humilhada, e impotente. Mas uma ideia acalmou-o.

«Ele haverá de aparecer novamente!»

Saboreando o inebriante paladar do seu ódio, aquietou-se esperando...

Com o avançar do dia, o Sol escapou-se para lá da janela, e o interior da cela escurecia.

A força do rancor que consumia David, mantinha-o desperto, quando tudo mais parecia adormecer. Quando os músculos teimavam em relaxar, e os olhos em baixar a sua guarda, o calor violento da sua aversão reaviva-lhe os sentidos.

Durante horas assim permaneceu, resistindo à sedução da inconsciência. Encostado à parede, olhando o espaço vazio, escutando o silêncio, em busca de um rumor de vida.

À medida que o tempo se arrastava, acumulava-se nele um cansaço insidioso, que lhe ia corroendo a vontade. Quanto mais procurava manter a atenção, mais eram as fugas, e mais sedutoras elas lhe pareciam. Escapava para ideias soltas, fragmentos de vivências, reais ou ficcionadas, ou mesmo para o vazio. Lá, ele descansava durante momentos, até a sua consciência se aperceber da distração, e se forçar a focar novamente na sua situação.

E uma sensação de conforto começou a invadi-lo, inicialmente encoberta pela agitação de se manter concentrado, depois docemente anunciada, acariciando-o, seduzindo-o, com prazer, aparente inocência e boas intenções. Sussurrava-lhe que relaxasse, que aceitasse a graça de um teto, e de um encosto, não tão incómodo como tinha pensado antes.

Inquietado pela sua falta de resistência, e recetividade, à atraente tentação, David amedrontou-se, contraiu os músculos, e começou a ofegar. Sentia uma profunda insegurança.

A boca pulsava quente. O hálito queimava, e o seduzia ao conforto. Os olhos pesavam-lhe, e ardiam. O corpo começou a gemer.

Mas David não queria descansar! Não agora, que o encontro com o seu carcereiro se aproximava! A cada a momento que passava... Mas não se sentia capaz de resistir.

Quanto mais se tentava dominar, mais o pensamento lhe escapava. Fugia para belas quimeras, alucinações que o maravilhavam e o detinham, e o impeliavam a sonhar. E quando voltava a si, David sentia-se um pouco mais desiludido e perdido, um pouco mais rendido ao seu anseio pela inconsciência.

O corpo entorpeceu, e parecia alienígena, os pensamentos tornaram-se fragmentados, e desconexos. O sentimento de impotência instalou-se! O pânico tomava posse dele, e o desespero o derrotava.

Inúteis eram os seus esforços, em tentar resistir à sonolência que o consumia. O corpo agitava-se com pouco concerto, se insurgindo debilmente, e as palavras, escoavam abruptas e com pouco sentido.

O coração desacelerava dentro do peito, esmorecendo, e ocasionalmente, de súbito se paralisava, gelado pelo pavor e a aversão que por instantes se apoderavam dele. De seguida estremecia violentamente, devolvido à vida pela medo e inquietação crescentes daquela inação. O coração palpitava, e uma forte dor o envolvia, e se espalhava pelo peito, e o batimento se atropelava, e a custo voltava a acalmar.

Inseguro e em conflito, David mergulhava num mar revoltoso de pesadelos.

E pouco depois, incapaz de resistir à sonolência, cerrou os seus olhos. Ainda protestou com um grunhido, mas foi a debalde, pois com um suspiro aligeirou a respiração, e se rendeu à inconsciência.

Capítulo XVII

A noite era de tempestade. Pesadas nuvens tinham coberto o firmamento, e ofuscado as estrelas.

O ar estava quente e húmido, tornando a respiração um esforço difícil.

Fendas alvejantes começaram a entrecortar o espaço, acompanhadas de estampidos, ribombando. A atmosfera alvoraçada, tornava-se ainda mais sufocante.

Pouco depois o céu desabou sobre David! Arrojava-lhe impiedosamente pesadas bátegas, carregadas pelos ventos agrestes, que inesperadamente se levantaram, e corriam errantes sobre o mar.

Só, rodeado de água - tanto quanto o olhar cansado e alagado de David conseguia discernir, de dentro da sua exígua embarcação, debaixo do temporal que intensificava -, ele tentava resistir, persistir, seguir um rumo que o levasse para lá da revolução dos elementos, para águas mais serenas.

Vagas negras e irregulares lançavam-se contra o desbotado e apodrecido casco de madeira, ensopando-o ainda mais. As cordas gastas retesavam-se contra a ferocidade da intempérie, prendendo a vela triangular rota ao mastro. A madeira rangia baloiçada pela ondulação. O barco, parecia pequeno de mais, frágil de mais, para a tormenta que se abatia sobre ele, e o oprimia.

Os farrapos encharcados colavam-se ao corpo, debilitado e lívido, opaco, vacilando sobre o convés.

Porque estava ele ali?

Já não o sabia.

A resposta escapava, entre os seus pensamentos, mas talvez já nem importasse. A pergunta possivelmente nem encontrava mais significado, na confusão aterrorizada e estafada da sua consciência em fuga. Mas mesmo assim ele se questionava, procurava sentido. Talvez a interrogação fosse a única coisa que o impedia de se entregar à fúria dos elementos.

O vento zunia, mais feroz. O mastro começava a curvar-se à violência do vendaval. A água espalhava-se pelo convés, e mergulhava no porão. A pequena embarcação ameaçava se desmanchar irremediavelmente.

Para a mente estafada de David, a morte começava a parecer uma bênção, no meio da agitação que o sacudia e o ameaçava despedaçar.

Talvez pelo entorpecimento e pela exaustão que a fúria desabrida lhe causou, ou pela resignação à destruição que parecia inevitável, ou por mero

capricho, ou talvez mesmo pelo encadeamento oportuno e inesperado de tudo isto, os seus músculos e tendões relaxaram a tensão excessiva, que os prendia no lugar. O coração desacelerou, indiferente ao vendaval. A garganta alargou. Os dentes descerraram, e por entre eles se soltou um longo suspiro, em espera do que estava por vir.

Contra os ventos fortes e caóticos, debaixo dos aguaceiros, sobre a fúria das vagas que chocalhavam o barco, surgiu tímida a voz de David. Inicialmente um sussurro desencontrado de si, inseguro, trémulo. No momento seguinte uma comunicação mais confiante, mais grave e encorpada, mais irreverente para com as forças que o atormentavam, mas abafada pelo estrompido.

Após uma breve pausa, onde David aceitou a ferocidade da tempestade que grassava, e a sua promessa de destruição, e de nelas se segurar, amalgamou a réstia de força que retinha dentro de si, e bradou com o resto das suas forças, sobrepondo a sua voz à violência da comoção, desafiando os elementos, declarando:

- Eu quero viver!!!

Sentindo subitamente uma sensação de paz, imprevista e vagamente conhecida, fechou os olhos, descontraíu o corpo, e aceitou serenamente o julgamento, veredito e a sentença dos elementos.

Nesse momento a tormenta perdeu o seu frenesim, e começou a amainar, endireitando-se o barco sobre as águas.



Capítulo XVIII

Na escuridão sossegada, David, deitado sobre as suas costas, sentia o seu peito distender e contrair, debilmente. Arfava baixinho. E de vez em quando a sua inspiração aprofundava, e o peito inchava, desaguando num suspiro sonoro.

Acompanhando um novo fôlego, uma sensação indistinta, leve, se ramificava pelo corpo e avivava subtilmente, com os pulmões lentamente se expandindo e o diafragma descendo. Quando a inalação abrandava e o corpo entesava, a mesma impressão intensificava-se, vibrando, dispersa e esporadicamente, em dor pungente, cada vez mais forte. A respiração pausava, e por momentos a vibração tornava-se estável no seu brado.

Instantes depois, o diafragma subia, e forçava o ar a se encaminhar pelos brônquios para a traqueia, silenciando gradualmente a sensação de agonia. Que se afundava num estado de calma subconsciente, cada vez maior, com o relaxamento progressivo das vias respiratórias, na consumação da exalação.

O espírito de David rendia-se então a uma paz profunda, a uma aceitação total de si próprio, e à integração absoluta, subconsciente, com a realidade.

Como estava consciente, presenciava serenamente o relaxamento, sentindo uma harmonia cada vez maior, mais sublime e deliciosa, e intensa.

Algun tempo depois, a harmonia tornou-se tão consonante, tão perfeita, tão tangível ao seu entendimento, que transcendeu a dimensão dele ansiada e aceite por David, e começou a perturbá-lo. Inquietava-o a intensidade desta força, a excelência, a celsitude e a sensação de integração, tão poderosos! O sentimento apossava-se dele, e diluía a sua individualidade, numa fusão gradual e cada vez mais sublime com a realidade, que lhe gerava uma insegurança e um desconforto cada vez maiores.

O incómodo, deu lugar à ideia de escapar ao estado que o problematizava, e ao temor. A transcendência do que sentia o assustava, e David fugia. Inventava, incessantemente, razões terríveis e sedutoras para despertar, que o agitavam mais, o abalavam mais, num exercício contínuo, e cada vez mais tormentoso, de manipulação, sincera auto-preservação, curiosidade e diversão.

Transtornado, aterrado, atropeladamente se apressou a inspirar de novo, para afugentar o seu pavor, e se ocupar, outra vez, com sensações e ideias familiares, seguras, fáceis.

E com celeridade inspirou, profundamente, e suspirou, longamente. No seu pensamento procurando disfarçar, a si próprio, o seu pânico com cansaço, cansaço do trabalho já realizado.

E David estava realmente cansado... mas também assustado pelo deslumbre

daquilo que jazia nos limites da sua consciência, o persuadindo e o assustando, o problematizando, na sua harmonia, sensação de integração e dissolução de si próprio, desassossegando-o e o provocando.

A respiração voltava a serenar – com o recalçamento da ideia -, a suavizar, e o corpo começava a relaxar novamente...

Capítulo XIX

Perscrutando as suas sensações, começava a discernir uma miríade de diferentes tons, refletidos, e refratando-se sob a luz da consciência, e reparava nas sombras que elas lançavam sobre a paisagem interior.

A mágoa, o desejo, a impotência, a fúria, o medo insinuavam-se, exprimiam-se difusas, misturadas, e desaguavam, no seu íntimo, em vagas de sofrimento.

Sorrateiramente, veio convicta a certeza da necessidade de se desapegar destas emoções. Elas pesavam-lhe, arrastavam-no para o negrume de onde queria sair.

Começou a chorar silenciosamente, e com as lágrimas sôfregas um sentimento sincero de tristeza, fúnebre e assustadoramente familiar emergiu. Prostrou-se, e, segurando a cabeça com as mãos, irrompeu num pranto.

A origem desta mágoa não o importava. Independentemente da sua causa, esse sentimento existia. Era real, tangível, e como uma lâmina metálica trespassava o seu coração vivo, dolorosamente.

E de tempos a tempos parecia que a empunhadura torcia, sentindo como que a frieza do gume dilacerando novamente, e mais, a carne.

Despertada pela consciência humilde do sofrimento terrível, sincero e inevitável que ele experimentava, pelos gemidos involuntários, e instigada pela profundidade da dor, cresceu a vontade resoluta de aceitar esta memória sintomática, e seguir para lá dela.

David comprimiu as suas mãos abertas contra o seu coração - que batia forte e acelerado -, enquanto se curvava sobre si próprio.

Pelo querer, pela aceitação do que vivia, o pesar lentamente começou a ser conquistado no íntimo de David, a ser compreendido nos compartimentos que avidamente tinha tomado, nos seus lamentos, e na sensação de uma indecifrável tragédia passada, que não conseguia recordar.

Mas agora não lhe interessava revivê-la. Aceitar esta experiência já era suficientemente doloroso.

Embora se sentisse ainda tentado pela curiosidade de descobrir a razão, contra o que definia e aceitava já como conduta razoável, aceitou o desfecho. Inspirou e suspirou longa e profundamente.

Em lugar da dor, uma estranha sensação de alívio se ia instalando.

Consequentemente, o sofrimento de David via-se calado pelo sossego e bem estar, oferecidos pela compreensão. Que não era tão grande quanto desejava -

causando-lhe nisto algum sofrimento -, mas por agora era a possível, e - ele considerava - suficiente.

Capítulo XX

Na quietude da alma despojada, apenas o rumor indefinido da existência, gracioso e um pouco doloroso, ecoava suavemente pelo íntimo de David. Uma sutil sensação de sossego serenava-o e trazia-lhe alento, nesse bem estar imperfeito.

Mas o tempo corria, e embora refugiado dentro da sua própria tranquilidade, delicada, não era imune ao desgaste da entropia. A quietude lentamente se tornava tensa e agitada, enrijava os músculos, sussurrando incerteza e conflito.

E pouco a pouco novos sentimentos começaram a afluir no seu íntimo, perturbando-o. Inquietação, aborrecimento, insegurança, perturbação. E com eles vieram questões empolgantes e desconfortáveis que, antes que David conseguisse as assumir conscientemente, o assustaram.

«Para onde partir deste lugar?»

«O que fazer?»

«O que quero eu realmente?»

Perguntas, que na ausência de uma resposta objetiva, o confundiam. E da desordem nascia discreta a sonolência, como se a sua consciência, de forma dissimulada, procurasse se esconder da evidência da sua ignorância.

Uma ligeira e doce sensação de sossego e segurança emudecia o pânico, e tentava David, o seduzia a se entregar ao prazer da inconsciência.

Repentinamente, a vontade de viver, insurgindo-se contra a crescente letargia, oferecia resistência, onde antes não existiu. O seu desejo íntimo de ser gritava dentro de si, não queria dormir, ansiava por viver!

Outra batalha assim se perfilou. Dormir ou acordar? Render-se ou dominar-se? Prazer fácil, maleável e rápido ou um bem estar consistente, crescente, responsável e puro? Morrer mais um pouco ou ser mais um pouco?

Embora sincera a sua vontade, David não sabia como vencer a sedução. Sentia-se impotente para dominá-la, pois os seus argumentos não eram concretos, ao contrário do crescente conforto, que docemente oferecia sossego e segurança, no esquecimento, em troca da morte do aparente capricho de ser.

As diferentes sensações que vertiginosamente surgiam na consciência de David, aparentemente, se começavam a fundir numa sensação generalizada de denso prazer. Prazer sacarino, arrebatador, demasiado fogo para possuir sem destruir o experimentador. Nasceu o sofrimento.

Dor já ele tinha sentido intensamente, no seu passado, mas esta era diferente. Esta não só lhe arrebatava o coração, mas tolhia-lhe a alma, mortificava-o. Havia uma sensação de desilusão latente e subtil, como que ao ser complacente e cúmplice com esta vontade, David estivesse a abdicar de si e a degenerar.

No meio deste turbilhão subconsciente de emoções, nasceu uma nova: a aversão. Uma energética repugnância pelo sofrimento, que o abalava.

Procurando compreender a tentação que o atormentava, o seu pensamento virou-se para o passado, buscando a memória sensorial de sentimentos semelhantes. E em todo o progresso que ia fazendo, as percepções eram contaminadas e alimentavam o seu asco apaixonado, cada vez mais intenso.

David, encolerizado e indignado por se sentir vencer pelo conforto, sem ter qualquer argumento para o impedir, desesperava. Mas antes que a sua desdita se concretizasse, irrazoável, apenas fortalecido pela sua vontade inextinguível de ser, impôs silêncio na sua mente errática.

Experimentando o sossego, como trégua numa batalha, David se concentrou então nas emoções que a ideia de existir lhe trazia. Sentiu-as, leves, livres, doces, vivificantes. Era quase como se a sua alma começasse subtilmente a flutuar, e o pensamento despertasse.

Subitamente, o conflito acabou. A vontade dissoluta e confusa adquirira um carácter surpreendentemente inabalável, e cristalino. A consciência clareou, e as ideias começavam a fluir, agora, límpidas e harmoniosas.

David se deteve, acalmou, deixou a sinceridade da sua vontade guiá-lo, para as respostas que procurava.

Calado, aprendeu tranquilamente a paciência de acalmar o seu pensamento, e pensar uma questão, anteriormente sem solução, e de se contentar em descortinar o degrau que o leva mais próximo da dislumbrada resposta. Mas o caminho, que ele previa, podia não o levar onde ele conscientemente queria. Sim, ele sentia isso! Mas não importava, pois se o caminho o levasse onde ele realmente não quisesse ir, bastava mudar de direção, orientando-se por aquilo que para ele era real e mais desejava.

Sem uma palavra proferida, David reconheceu intimamente pela pureza, pela felicidade genuína, a verdade.

Fechou os olhos e esboçou um leve e luminoso sorriso.

Capítulo XXI

De olhos fechados, David deliciava-se com a radiância emanando do seu íntimo. Sentia-a, sentia-a contagia-lo e se manifestar pelo corpo, pelo pensamento, presente em cada gesto, gracioso, por mais pequeno e insignificante que o julgasse.

Os músculos descomprimiam, libertando-se das tensões remanescentes e das dores acumuladas.

As ideias corriam ágeis e incisivas, cercando os objetos da sua curiosidade, e revelando-os progressivamente nos seus segredos.

David sentia-se embriagar em êxtase, e, depois da estranheza da novidade, sentiu a ânsia de o perpetuar, de o conquistar definitivamente.

Pensou nos pobres coitados tropeçando e sofrendo na escuridão, como ele um dia fez. Regozijou-se pelo seu estado, que o elevava acima do comum mortal à esquina prostrado, imaginando-o do alto do seu estrado inventado.

Subitamente, por entre o deleite, sentiu o desejo de ajudar aqueles que se arrastavam por entre a lama e o sargaço. Mas um medo o inundou, e o conteve – *«E se ao tentar ajudar, perdesse este estado de graça?»*. Caprichosamente, sedutoramente, esta ideia, este prazer, este conforto o tomou, o enredou docemente.

Um travo agri-doce foi tudo o que sentiu, antes de, envolto em volúpia, David se entregar a este medo. Oblívio dos grilhões que estava a colocar sobre si próprio, da limitação que impunha para a sua capacidade de sonhar e ser. Nunca sentira tamanho bem-estar!

«Seria assim o céu?»

Impercetível, sibilante, veio o desconforto. Uma pesada sensação, que contrastando com a leveza que sentia, o afundava de novo em sofrimento. Imagens de amigos, conhecidos, desconhecidos padecendo, transfigurados pela dor, inundaram-lhe o pensamento, submergindo-o.

Um aperto no coração, levou-o a expulsar todo o fôlego dos seus pulmões. Sentia culpa, uma culpa que se entrelaçava pelo corpo, e enredava a alma. Sofria, uma dor à qual não conseguia escapar.

Uma tristeza o invadiu, um desapontamento consigo próprio. Ele que à pouco se considerava superior, aos demais, era imperfeito e indigno. Indigno daquele estado que tinha saboreado. Era desprezível, ainda mais miserável que aqueles homens que rastejavam. Pois ele sabia mais que os outros, e podia ajudá-los, mas deixava-os sofrer.

David sentia-se de novo tentado pelo abismo. No seu íntimo o prazer do esquecimento seduzia-o novamente. O seu coração queria fugir.

No momento em que os seus olhos se fecharam, e a consciência tentava se render ao sossego do vazio, uma vontade siderou-o pela sua força e violência. O desejo de viver implantou-se no âmago de David, e com isto uma nova esperança.

«Afiml, quem nunca se desrespeitou? Quem nunca se deixou seduzir por aquilo que rejeita?»

Cedendo ao ímpeto da comodidade, David ainda tentou encontrar uma desculpa, uma forma de escapar para o conforto da auto-comiseração. Pensou se insultar e se rebaixar, Mas atalhou nesse intento, pois essa não era a vontade que lhe ia no coração.

«Mais que me melindrar pelo meu erro, eu vou reconhecê-lo, e aprender com ele. Vou compreendê-lo, para não ser mais vítima deste engano.»

Ainda assim, David se encontrou novamente no precipício sobre o negrume, entre a vontade de viver a verdade que reconheceu, e o anseio de se precipitar no sossego e no esquecimento, que a escuridão lhe providenciaria.

Num momento de acalmia, de almejos silenciados, escolheu a humildade de reconhecer a sua descoberta, e crescer com ela.

O desconforto se extinguiu repentinamente, e uma amena brisa envolveu David.

No íntimo da sua recém descoberta paz, sabia que as suas ações esboçavam e coloriam a paisagem na qual ele se resguardava. David reconheceu os efeitos que o seu comportamento manifestava à sua volta, e assim entendeu a responsabilidade de escolher a sua conduta.

Evocando novamente a imagem daqueles indigentes que sofriam e se arrastavam, sentiu o medo de perder a graça que tinha conquistado. Mas agora recusou fugir à cena. Reconheceu o medo, e o desejo de fuga, e de comodidade, e escolheu compreender o que tanto o assustava.

David imaginou seres - como ele tinha sido - se arrojando no chão em sofrimento, de coração estilhaçado, e de lábios cerrados. Sentiu ternura, afeto, pelos pobres que sofriam. Levado pelo seu reconhecimento e pelo sentido de dever para com estes, sentiu o ímpeto de partilhar o conhecimento resgatado. David decidiu ajudar aqueles que, ao contrário dele, ainda rastejavam dolorosamente.

Amor, esperança, felicidade - o vigor de um novo alento contagiava-lhe a alma, e se espalhava pelo corpo. Por momentos, David já não se reconhecia. A violência e a natureza sublime destas emoções tinham-no transfigurado. Mas mais do que isso, uma emoção que ele julgara definitivamente perdida,

florescia no seu coração: o orgulho.

Capítulo XXII



Na escuridão, ofuscado pela claridade do monitor e acompanhado pelo clique nervoso do rato, David ofegava. Os olhos inchados giravam ansiosos pelo ecrã, enfeitiçados pelas formas coloridas em rápida sucessão.

Os dedos, a mão, o braço lutavam por acompanhar a velocidade dos pensamentos. Latejavam tal a sofreguidão.

E as ideias, essas, circulavam todas em volta de Maria.

O namoro tinha terminado, mas ele ainda a amava. Tinha tentado apartá-la do seu coração, mas continuava a clamar por ela. Tinha tentado reconquistá-la, mas ela era inflexível. Só lhe restava uma única solução – a chantagem.

A ideia da chantagem gelava-lhe o coração, e arrepiava o corpo. Sabia de antemão que era um caminho perigoso e traiçoeiro, mas não via outra opção.

David procurava no computador as fotos, e os vídeos pessoais, que em momentos íntimos tinham gravado. E pretendia sob ameaça de os publicar, difundir pela Internet, submergir a vontade de Maria.

«Será que realmente funcionará?»

Ele não o sabia, mas o desespero levava-o a comprometer-se com a chantagem. Talvez com o tempo ela ainda voltasse a amá-lo. Talvez mesmo voltassem a ser felizes, como tinham sido antes. Quem poderia saber, se este

caminho de trevas desembocaria num futuro luminoso? Era a única opção que dislumbrava, e David agarrava-se a ela violentamente.

Avidamente, David tinha reunido e escondido todas as imagens e filmes, que serviriam de armas para esta trama. Agora só faltava mesmo a coragem.

Quanto mais ele se convencia a levar o ardil em frente, apoiando-se nos seus próprios anseios, e inventando e reinventando outras razões para o fazer, mais duvidava. E o impasse alastrava.

O coração acelerava, os suores resfriavam, a cabeça latejava. Sentia a antecipação do momento, da decisão que ele temia. Via-se criança, demasiado pequeno e assustado, desejando fugir.

Mas num assomo intempestivo de coragem e sofreguidão, David pegou no telemóvel, e marcou o número de Maria.

Engolindo em seco a cada impulso da chamada, invocava toda a sua coragem, enquanto as pernas e as mãos tremiam incontrolavelmente.

De repente os batimentos pararam, e pelo auscultador ouviu-se uma voz feminina doce.

- *Estou?*

- *Maria?!* - titubeou David, atónito.

- Sim, o que é que queres? – retorquiu Maria, mudando de entoação, agora com enfado e alguma frieza forçada.

No momento em que ia responder, falhou-lhe a voz. Queria mesmo forçá-la a amá-lo? Será que isso era mesmo possível?

Ele não sabia, e atormentava-o. Intimamente, sentia que seria um erro, mas não conseguia abdicar dela, não conseguia calar a necessidade da sua presença, do seu cheiro, do seu sorriso, do seu calor, do seu corpo, do seu amor. Estas imagens corriam impetuosamente pelo pensamento, ameaçando asfixia-lo.

Sentindo o desconforto crescente do silêncio e a pressão dos segundos, David esvaziou a consciência das ideias que o assombravam, e, fingindo frieza, atirou:

- *Eu tenho as nossas fotos e vídeos íntimos. Se não voltares para mim eu publico tudo na Internet! Tudo! Eu mostro a toda a gente a pessoa que tu és!*

Por breves momentos não houve resposta do outro lado. Um silêncio ameaçador pairou sobre a conversa, o que aumentou a insegurança de David.

- *Maria?* - interpelou, procurando, com algum desajeito, engrossar a voz.

De repente irrompe o som abafado de pranto do outro lado da linha.

David, ao ouvir aquilo, sentiu o coração pesado. Era por causa dele que ela estava a chorar. Mas ao mesmo tempo, deu-lhe uma sensação agri-doce de prazer sentir que a estava a magoar.

- *Não podes fazer isso! Essas coisas são pessoais! Eu fi-las porque te amava! Não podes fazer isso!* - choramingando, argumentou Maria.

Mas pouco havia para discutir, pois ele estava decidido a levar a ideia adiante. Sentia-se poderoso, ao subjugar-lá. Ao encurralá-la, como a um animal ferido.

- *Eu faço-o, se tu não voltares para mim!* - ripostou mais convicto.

- *Não, pára!* - gritou Maria perturbada.

Mas ele não queria parar! Pela primeira vez em muito tempo, sentia-se poderoso. Os seus lábios gravavam um sorriso de regozijo, embora no seu íntimo o prazer e o sofrimento o calcinassem.

Embragado pelo prazer e mortificado pelo sofrimento, entorpecido, David assistia horrorizado à cena. Incapaz de evitar, cedia à sedução de a ameaçar, de a dominar, de a enredar viciosamente no seu jogo. O amor, o carinho, a afeição que tinha por Maria, e o desejo de a ver feliz, evaporavam perante a intensidade do seu deleite.

E ela chorava copiosamente, apavorada, traída na sua confiança. Indefesa e impotente para com a maquinação, na qual ela se via fatalmente enredada. Lágrimas de desespero, de amargura, de arrependimento e resignação a um infortúnio, que ela não conseguia vencer.

O gozo que David experimentava era obsceno! Assustava-o, pela sua crueza e pelo fascínio que lhe causava. Sentia-se culpado, amedrontado, infeliz, indigno – escumalha! Um verme, um pedaço de lixo humano, que só pela violência conseguiria algo tão puro quanto Maria. Ela merecia muito mais do que ele! E isso matava-o por dentro.

Perdido no desprezo por si próprio e no prazer imoral que nutria, foi incapaz de notar uma mudança subtil, mas fundamental, em Maria.

Ela tinha parado de chorar, fungava levemente, parecia resignada. Um sentimento de calma parecia ter descido sobre ela, silenciando os seus lamentos. Inesperadamente, pela primeira vez, a sua voz soou controlada ao falar.

- *Eu não volto para ti.* - disse, apática, Maria.

- *O quê?!*

David estremunhado, não tinha atentado às palavras, mas o seu coração

estremeceu, pressentindo o seu significado.

- *O que disseste?* - bramiu David, disfarçando o seu desconcerto.

- *Eu não cedo à tua chantagem! Eu não te quero! Tu metes-me nojo! Eu odeio-te!!!* - gritou Maria encolerizada.

David, apanhado de surpresa, começou a tremer incontrolavelmente, incapaz de conter o choque. O seu pensamento começou a rodopiar, procurando refúgio nos abismos abstratos da sua inconsciência.

- *Eu não te amo mais! E não te deixo escravizar-me!*

Agoniado pela admissão da coação estar a falhar, vendo o chão a fugir-lhe, achando o seu plano ridículo e zombando da sua ingenuidade ao acreditar nele, emudeceu. Do outro lado Maria reunia ânimo e motivos para continuar.

- *Quero viver! Quero ser feliz! Feliz com alguém bom, digno, não miserável como tu. Tu dás-me vômitos!*

- *Mas... mas eu amo-te.* - sussurrou indolentemente David, em esforço.

- *Tu não gostas de mim! Se gostasses não tinhas feito isto. Queres-me prender a ti, a um desgraçado! Tu repugnas-me. Faz o que tu quiseres com as fotos e os filmes, mas quando olhares para eles, sabe que estou feliz, a viver a minha vida, e que nunca mais te quero ver! Eu odeio-te! O nosso amor foi um erro, e lamento alguma vez ter gostado de ti.*

Siderado pelas palavras que ouviu, incapaz de reunir a força e a clareza suficientes para lhe responder, a visão dele desfocou, e largou o telemóvel, que caiu abandonado no chão. Largou as rédeas do seu pensamento, e entregou-se ao caos que germinava em si.

Inerte, alienado, David fugia à sua própria sombra, pelas ruínas da sua imaginação.

Capítulo XXIII

Exausto, exasperado, delirante, David vociferava contra as correntes, as paredes pétreas, as grades, e tudo o mais no qual pousava a sua vista. Expelia a sua impotência com rudeza, rubro de fúria.

Farto! Ele estava farto de estar ali. Preso, só, aborrecido, entretendo-se quase somente com os seus pensamentos, enquanto o mundo lá fora dançava, e ele apenas o conseguia observar de longe.

«Quem me prendeu aqui?»

«Como vim parar a esta cela?»

«Porque estou aqui?»

As questões esvoaçavam frenéticas pelo seu pensamento, mas as respostas escapavam-lhe. Quando elementos da solução se começavam a juntar e a formar uma ideia maior que as suas partes, nascia dentro de si um desconforto, que rapidamente dava lugar a pânico, e a sua consciência parecia adormecer.

O seu pensamento turvava, os conceitos estremeciam, e perdiam definição, as ligações entre eles esbatiam-se, e as fendas dos saltos lógicos dilatavam e aprofundavam, atemorizando-o, e deixando escapar as verdades tão subtis e minúsculas, quanto preciosas pelas quais ansiava.

Por mais que David se esforçasse, as suas ideias teimavam em lhe iludir o controlo. Com o seu engenho, ele batalhava, aproximava-se cada vez mais, acossava as respostas, avançava sobre elas para as conquistar, e invariavelmente escorregava, e mergulhava de novo na ilusão confortável.

Qual era a força que o mantinha aqui? Que lhe baralhava as ideias e o subjugava?

Por mais que pensasse, que forçasse os limites da sua vontade, não conseguia descortinar o seu carcereiro. Era como se propositadamente a resposta o fintasse quando ele se aproximava dela.

Por que razão quando tudo se parecia ordenar de forma a tornar a solução tangível, a vontade soçobrava e a verdade fugia?

«Talvez a resposta me assuste. Sim, é isso! Mas não é a resposta em si que me amedronta, mas as suas implicações, a responsabilidade ao assumir a verdade, que me modifica. É isto, provavelmente, sim! O pavor que no último momento, turva a visão.»

David fechou os olhos, e inspirou profundamente pelas narinas, procurando

se concentrar e acalmar. Aquietou-se por breves instantes. Abriu a boca, e exalou ruidosamente.

Mais alentado, voltou a focar a sua atenção nas aflitivas inquietações, que desafiavam o seu entendimento. Cuidadosamente, lentamente, apartou-as no seu raciocínio, de seguida lançando-se entusiasmado sobre a que mais o estimulava.

A mente, apanhada em sobressalto, pelo súbito vigor, alegria, e curiosidade, que ameaçava resgatar as respostas fundamentais, arquitetou uma fuga. Subconscientemente, com doçura, tentou-o a sossegar, pois afinal até era confortável a posição em que David estava... Havia prazer, sofrimento, e, a segurança de um estado psicológico menor que ele tinha aprendido a conhecer.

Persuadido pelo bem estar, e a promessa de mais, pensou em voltar à casa de partida, deixando as interrogações voarem livres, zunindo de forma agonizante sobre a sua cabeça, para lá do seu controlo. Sentiu uma amálgama debochada de prazer e sofrimento, intensos e excitantes.

Abruptamente repensou a sedução, e sentiu-se enojado. Não era esta agriçoce prisão que ele queria! Ele ambicionava a felicidade da liberdade, do crescimento, e do sublime.

David, reassegurando-se do seu anseio de compreender e de se libertar deste estado de opressão, rejeitou a ideia traiçoeira, e deliciou-se com a forte sensação graciosa que o inundou de seguida.

Animado, voltou à pergunta que o entusiasmava, desconstruiu-a alegremente, discutiu cada uma das suas partes, e voltou a construí-la cuidadosamente, para não perder parte do sentido, procurando ver os seus sentidos latentes.

Satisfeito com o entendimento da sua inquietação, David procurou a melhor forma de abordar a questão, e construir a resposta. Arquitetou a solução de relance, buscou as ideias que serviriam de alicerces, e sobre elas depositou cada uma das suas deduções, e novos conceitos, com seriedade e precisão, e ansioso procurou rematar a sua construção.

Mas todo o esmero foi desperdiçado, quando o raciocínio se deteve momentaneamente no seu anseio desmedido de verdade, e arquitetou divertido e sedutor uma fuga, e fugiu nos instantes seguintes para quimeras estranhas e fascinantes, desaguando em sensações de tristeza, desapontamento e sofrimento.

Algo faltava! A ausência de algum ingrediente minava todo o processo.
«O que falta? O que falta?»

Imparavelmente ele se questionava. Ansiando, estremecendo, bramindo às paredes.

Lentamente, impercivelmente, David começou a sentir os seus próprios pensamentos a tomar forma. Reconhecia diferentes sensações, conceitos, imagens que as ideias lhe traziam, e que se pareciam se repercutir pelo corpo, em viva emoção.

O medo de sofrer mais, com o descortinar de realidades maiores até então ignoradas, a vontade de fugir para o conforto da discussão já conhecida, o desejo de concupiscência. O anseio pelo prazer, segurança e sossego associada à sua noção momentânea de estagnação. A comodidade da experiência já testemunhada, compreendida, e aceite, das consequências já pesadas e discriminadas. A ânsia de um prazer intenso, e arrebatador, que fizesse eclipsar todos os conflitos.

E um bramido triste, desiludido e torturado sobrepunha-se momentaneamente na discussão, de uma frustração profunda e atormentada e uma vontade sincera de ser mais! E de novo esta voz era afogada por um mar de ânsias sôfregas de escapismo.

O corpo de David retesava, e estranhamente começava a latejar. O músculo da coxa enrijava ressentindo-se, o ombro se entesava dolorosamente. O braço formigava.

Inesperadamente, picadas dolorosas trespassaram as costelas e o esterno, levando-o a esboçar um esgar.

E outra vontade abalou a sua consciência! O desejo desafetado de crescimento. O anseio desabrido por essa felicidade, e a relacionada insatisfação com o seu comportamento presente. A aspiração fremente de uma felicidade sem mágoa. A vontade era tão forte e emoção tanta, tão pura, que o levou a sonhar, e a sentir êxtase momentaneamente.

Enlevado pela esperança, a felicidade e o deleite que sentiu, que rompeu com o sofrimento e desespero que antes o consumiam, alentado, revigorado, decidiu subconscientemente seguir este fio de esperança, com sinceridade. David amalgamou toda a força de vontade que possuía, e com o seu forte anseio se desapegou da ilusão que o confinava, libertou-se dela, rejeitou-a. E discutindo para lá do ardil, com os dados que já possuía, reorganizando-os, e complementando essas conclusões com novas ilações, que serviam depois de nexos lógicos a verdades distantes, chegou à resposta, que procurava.

Reconheceu o apego a Maria, mas também ao que ela representava para ele. À cela fria feita de pequenos e efêmeros caprichos, de fugazes prazeres, de segurança imaginária, de sossego momentâneo, e de sofrimentos silenciosos, mortificando a sua alma cansada. E identificou também o seu desejo sôfrego de novas dores, que o continuassem a entreter, limitar e satisfazer.

A sua atenção virou-se subitamente para Maria, ansioso de confrontar a ideia pela qual ele era subjugado.

A jovem mulher afigurou-se-lhe, vinda das suas memórias, mas sem a mesma compostura, com que a qualificara antes. As suas feições estavam obscurecidas, e o cabelo mostrava-se baço e desarranjado. O rosto não lhe parecia mais o mesmo - estranho, indefinido -, assomando-lhe grotesco e errado, assustador.

David já não se recordava nitidamente de como era Maria, apenas a conseguindo esboçar. Lembrava-se do cabelo dourado, dos lábios grossos, e da pele nívea, mas não do arranjo de seu cabelo ou do contorno da boca dela. Na verdade ele já tinha abdicado dela. O que restava era apenas um esqueleto fragmentado de memórias, e uma desculpa.

Tomando consciência desta lúgubre verdade, sentiu algum desencanto, e desapontamento consigo próprio, e algumas lágrimas escorreram pelo seu rosto. Vestígios de admissão, e auto-comiseração, saudade do passado.

Momentos depois, sentindo-se fortalecido pela sinceridade experimentada, embora dolorosa, David via-se a ser inundado por um sentimento de paz. Nascido da percepção do respeito pelo seu próprio desejo profundo, e da verdade que tinha reconhecido, e aceitado.

Sentia-se algo desiludido, deprimido, vazio, mas também mais leve, e consciente. Com o novo alento deste estado de espírito singular, David decidiu tentar mais uma vez libertar-se da corrente que o prendia.

Deu um puxão intencional e vigoroso à argola que lhe restringia a perna. A cadeia distendeu-se violentamente pelo espaço, saracoteando estridente, detendo o tornozelo. Mas com a pressão crescente do esforço continuado, fez-se ouvir inesperadamente um estalido, e a corrente pareceu ceder um pouco mais de liberdade.

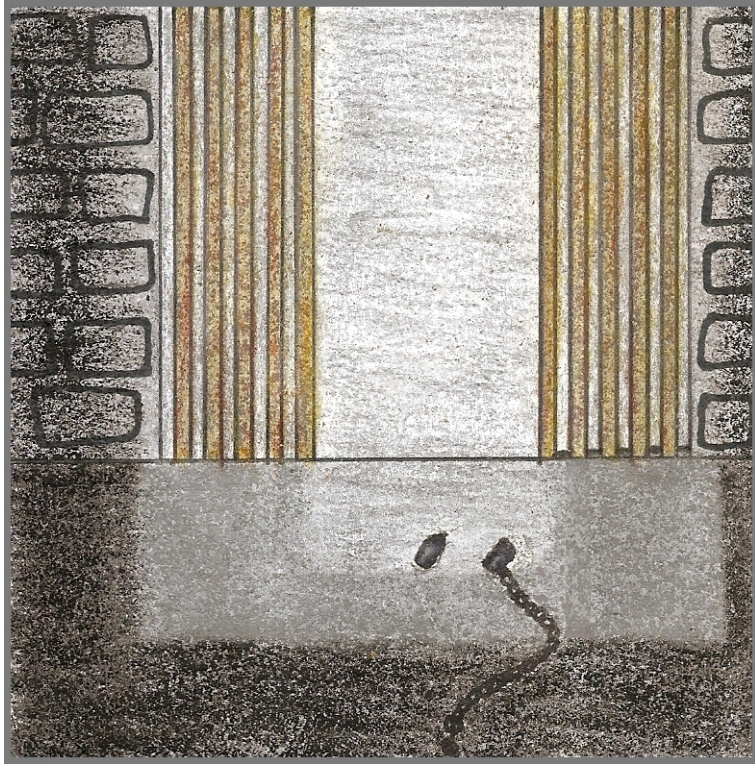
O grilhão parecia agora menos apertado sobre a sua pele. Agitou-o, e viu que tinha rachado.

Feliz, confiante, sereno, concentrado, David forçou o aro, que rapidamente cedeu ao impulso.

Libertando-se da corrente, sentiu os músculos e as articulações doridas. Decidiu levantar-se. Apoiou-se na parede fria, e a custo se endireitou.

Percorreu o muro lentamente, cambaleando, até ao gradeamento. Sentiu o ferro frio e enferrujado, e animado acelerou o passo, em direção à saída. Ainda tropeçou e quase caiu, com esforço se segurando, pela sua mão violentamente agarrada a uma barra. A custo se reergueu, e com a ajuda da mão esfolada, palpitando anestesiada, se equilibrou. E continuou, decidido, com maior cuidado a caminhada, para a saída.

Lançou o seu corpo debilitado contra a porta, que estremeceu, e acabou por ceder, quebrando a lingueta. Com um pequeno ímpeto se abriu, e David acelerou em direção à suave luz da manhã.



Capítulo XXIV

David sentia-se em paz. Ondas de deleite lavavam-no, enquanto alegria e esperança germinavam no seu íntimo. Sentia-se genuinamente abençoado.

Extasiado, sorvia esta experiência, sentindo-a intensamente.

Com a passagem do tempo, lentamente, um sentimento de aborrecimento se ia instalando. E isso começou a perturbá-lo.

«O que é isto que eu sinto? Não é isto que eu quero?!»

Esta emoção deixava-o perplexo. Confundia-o. Inquietava-o. Erodia a sua felicidade, e fazia-o sofrer.

David começou a fantasiar com ideias contrárias à sua vontade. Pensou novamente em Maria, e sentiu um deleite doce e inquietante, seduzindo-o. Talvez ele ainda a quisesse. Mas depois de tudo o que passou, de toda a dor?!

Inseguro, convocava memórias de Maria no seu pensamento, e sofria. Mas a dor começou a perder a força. E a aversão aos dissabores, e a Ela, esmorecia também, desaguando em sensações difusas, agridoces, de aceitação e acalmia.

Talvez aqueles momentos não tenham sido tão maus assim, considerou. E talvez ainda gostasse Dela, e a quisesse... Sentiu prazer, e entrou em choque. Não podia a querer mais, depois de tudo o que se passou!

No entanto não A conseguia rejeitar.

Cada vez mais confuso, as suas ideias tornavam-se progressivamente mais ininteligíveis e paradoxais. Não queria Maria, mas por outro lado cobiçava-a. Queria ser feliz, mas namoriscava o sofrimento. Sentia-se culpado e divertia-se com isso.

David sentia-se em contradição consigo mesmo, repartindo-se entre sensações de prazer, sofrimento e graça.

Baralhado, perdido, inseguro, amedrontado. David entregava-se à imaginação da sua fuga para o conforto das rotinas que deixara, para a dor que ele conhecia, e sobre a qual ele tinha construído a sua existência, até à pouco tempo atrás. Desejava a segurança que o pungente prazer da comodidade providenciava. Queria o sossego que o contentamento oferecia. Ansiava o prazer inadulterado e exacerbado – concupiscente –, que no seu intenso e prazeroso calor momentâneo, faz a razão render-se, provoca a contemplação, e dissipa todo o sofrimento.

David tentava resolver o seu conflito, entre entregar-se ao desejo forte e

intenso por Maria, e ao prazer e sofrimento que aí previa, ou rejeitar o seu apego a Ela, e à sua lascívia animalesca, e se libertar, experimentando sublime felicidade, paz e graça.

Era tão doce essa ideia de elevação! Mas quando se deteve nela, e a imaginou, viu-a excessiva, vácuca, monótona. Uma experiência muito deslocada do familiar, maravilhosa, mas sem propósito, e sem possibilidades concretas de crescimento. E isso chocou-o, assustou-o, e imediatamente quis fugir a essa constatação. E escapou!

Ao voltar a se focar no conflito, refletiu sobre o seu comportamento, sobre a insuportável verdade que o atormentou, e ainda o perturbava quando se propunha a discuti-la, sobre a sua aparente fraqueza - sofria, sentia-se agoniado, e aflito.

Com o trauma nascido do conflito que sentia válido, o desgosto pungente, e o pensamento tortuoso, a sua aspiração emudecia. Aumentava a incerteza, que alimentava o medo, e aversão à evolução. O estômago latejava dolorosamente. David sentia-se cada vez mais inseguro. E a sedução assomava-se-lhe cada vez mais adoçada, e encantadora.

Mas ele não queria se entregar, não queria ceder! Não queria abdicar daquilo, que se lhe afigurava como algo importante, e que lhe custou tanto a conquistar! Não queria voltar a sofrer com Ela!

Uma réstia de desejo de liberdade, e de esperança, gritava no seu íntimo, sobrepondo-se ocasionalmente à irresistível sedução e à rendição ao seu desejo, no desnorte. A cada momento que passava, no entanto, a batalha tornava-se mais difícil, mais desesperada, à medida que uma sensação intensa e calorosa de prazer ia inundando David, que resistia, aparentemente a debalde. E a incerteza crescia, o medo se arraigava, e a insegurança aprofundava e se generalizava.

Ideias reduziram-se a encadeamentos toscos de palavras, que acabaram se dissolvendo com o acumular de dúvidas e o temor. As palavras dividiram-se em letras, isoladas. Letras estéreis, despidas de significado, suspensas num infinito, desconhecido, incerto, assustador. A vontade íntima, a ânsia, de felicidade, acabou por sucumbir ao pânico, que grassava nele e o vitimava. E após um gemido momentâneo de insurreição, David se entregou totalmente à sedução.

Um sofrimento avassalador e cruel, vil, entranhando-se doloroso, dissipou a esperança, e encarcerou-o em desespero.

David sentia-se perdido, e atemorizava-se.

Capítulo XXV

«Felicidade?!»

Outrora uma ideia palpável, agora uma palavra cujo significado iludia e escapava. O seu significado perdia-se por entre os impulsos caóticos de prazer, sofrimento, e medo, que invadiam a consciência e a atordoavam.

O pânico assaltava David. Urgia-o a continuar em fuga, a escapar para longe, muito longe das dúvidas, da incerteza, da insegurança, para o sossego do conforto, do conhecido, da condição menor que reconhecia, e sentia cobiçar. O abismo do qual ele tinha ascendido, agora chamava-o de volta! Esse buraco do qual tinha rastejado era, nesta altura, muito mais apelativo que o objetivo maior para ao qual ele se tinha proposto, e para o qual procurava se projetar, e o estado de graça que conseguia deslumbrar na ação.

Aí surgiu uma voz vinda do seu âmago, declarando o desejo de ser feliz! Mas havia pouco sentimento nessas palavras. Soavam ocas, automáticas, um reflexo destituído de quase todo o seu sentido.

«Será que quero realmente ser feliz?»

«O que é mesmo a felicidade?»

Na consciência de David a ideia de felicidade surgia como uma vaga e distante recordação, uma meia verdade na qual ele não conseguia acreditar. A conjunção inevitável do medo, da ansiedade, da insegurança, e do sofrimento, palpáveis e excessivos, no seu íntimo, tornavam a conceção de uma realidade melhor cada vez mais difícil. Era como, se a pouco e pouco, os elementos da imagem à qual ele chamava felicidade, se fossem obscurecendo, até desaparecer quase completamente, deixando-o em trevas.

Enquanto a luz se extinguia, a escuridão cobria o pensamento. As sensações intensificavam - prazer quente e pesado o inundava, o medo alastrava e o permeava cada vez mais, corroía a confiança, aumentava o sofrimento, provocando nele um sentimento de profunda e amarga impotência, destruindo a sua vontade.

Inevitavelmente a concupiscência subjugou David, escravizando-o com a sua fiabilidade, facilidade e proteção. Pois ele conhecia o prazer que lhe proporcionava, com a sua natureza cómoda, e sabia das suas consequências pobres, e dolorosas, encontrando nela, com pouco esforço, sossego e segurança momentâneos.

A felicidade, tão duvidosa e tão remota, isso, parecia cada vez mais uma utopia, à medida que se entregava ao prazer doloroso e fatal do conforto.

«Quem me diz que o plano que criei, para mim, me trará a felicidade?»

«Pode apenas ser apenas mais uma ilusão, e nele não encontrar a satisfação que procuro.»

Prazer, e mais prazer, sedutor, intenso, denso, o embriagava, o dominava, e o fazia agir. Pela sua doçura David perdia todo o seu pudor, toda a contenção, e controlo. Ele via-se uma marioneta, com os seus movimentos concertados pelo seu desejo sôfrego de prazer, e por promessas de mais. Afligia-se, e deliciava-se.

O prazer submergia a consciência violentamente, por instantes, esmorecendo o registo das suas más ações, a insatisfação, a dor, a própria moralidade, com êxtase e esquecimento. E todos os meios para David se justificavam, por mais terríveis que conseguisse conceber, para obter mais, e mais longos, períodos de confortável oblívio.

Horrorizado David assistia, impotente, enquanto uma e outra vez, continuamente, rechaçava a felicidade por um pouco de prazer. Por mais uma dose de prazer, intensamente doce e dolorosa, indigna.

A escravidão do prazer fácil, certo, agradável e mortificante. De voz sibilante e sedutora, corrompia caprichosamente, viciando na sua doçura o cada vez mais dependente David.

Capítulo XXVI

Sentindo-se, quente e enregelado, sofrido e deliciado, acomodado e ansioso, David orbitava caprichosamente pelas dualidades. Batalhava contra, e desfrutava do conforto e da inconsciência, que a fácil e divertida omissão lhe proporcionava. Ébrio, perturbado, impotente, consumido.

A insatisfação e sofrimento, profundos, fortaleciam nele a vontade de ser melhor, puro, bom. E esse anseio avivado momentaneamente, procurava fazer vingar a sua insurreição, mas a doce sedução da indolência o cercava e dispersava, afogando em prazer David. E do êxtase, e do capricho, vinha a doce manipulação, relativizando, obscurecendo, regozijando-se, abraçando a dor, com o prazer. David estremecia com a proposição, e fugia, procurando olvidá-la, acabando por mergulhar em um mais turbulento torpor, mas ainda cómodo.

Depois de tanto sofrimento vivenciado, tanta morte, silenciosa e pouco considerada perpetrada sob o jugo do conforto, e com um tão grande mal-estar resultante, a ânsia de ser mais, que ia resistindo nele, e se amalgamando, se rebelou. Cansado de ser oprimido pela fatal concupiscência, este impulso se sobrepôs à razão vigente e à falta de convicção, e clamou. Queria viver, queria existir, sonhar com os céus, e ser feliz! Invés de se contentar com o chão, e de nele se arrojar atormentado.

Mas aproveitando a incerteza e a insegurança presentes, o medo, assomava-se forte e cativante, desbaratando a revolta com as suas imagens de terror. Os perigos preconizados, desfilando semiconscientes pelo pensamento, e o horror e a insegurança decorrentes, clamavam cruel e desabrido sofrimento. As fundações da avidez abalavam com o transtorno, fissurando, quebrando sobre o peso do pânico. Pânico que urgia à fuga, para a ignorância, para o deleite no conforto da mediocridade. E assim David fugia, e sofria mais.

De novo David se erguia do conforto, e de novo se escondia apavorado.

Com o tempo, o prazer deixou de o fascinar. Passara a conhecer o desejo sensual, a senti-lo reverberar intimamente, a seduzi-lo, a tentá-lo, e a subjugá-lo. Com a nova percepção veio o impulso de dominar o anseio, e agir segundo a sua vontade, libertando-se, com isto, parcialmente do caprichoso grilhão.

O medo também já não o aterrava como antes o fizera. Identificara-o, em cada arrebatado do coração. Experimentava-o em ondas, trespassando-o, vibrando pelo seu corpo. E intimamente começou a sentir que a realidade que o esperaria, não seria tão horrível quanto imaginava. Esperança, desprendimento e coragem começavam a surgir no seu íntimo.

Com perseverança, lentamente, as representações vagas e fugidias dos seus pavores começaram a desacelerar a sua manifestação e a ganhar formas

concretas, tornando-se mais perceptíveis.

De repente, Maria materializou-se no vazio, à sua frente. Mas a sua expressão era estranha, por um lado aparentava estar enraivecida, e por outro esboçava um sorriso, que se lhe afigurava trocista, olhando-o com malícia.

- Tolo! Achas que te consegues livrar de mim?! Me consegues esquecer, depois de tudo o que passámos? Ahahah!

O riso estridente e raivoso assustou David, que com dificuldade se acalmou. Compreendia a aflição que sentia, e o seu desejo natural de fugir, mas estava cansado de o fazer. Por momentos emudeceu, em busca das palavras que expressassem verdadeiramente o que queria dizer a Maria.

- Tu fazes parte do meu passado. E eu amei-te, e com egoísmo te perdi. Lamento os meus erros, e o nosso sofrimento, mas já passou. Eu tenho o resto da minha vida para viver, sem... ti, por mim. E tu deves, e eu desejo, que sejas feliz.

Ao se pensar apartado dela, uma tristeza profunda invadiu David, ameaçando quebrar-lhe a vontade e a compostura, retraindo-lhe momentaneamente o raciocínio e o discurso, condicionando-o na sua intenção. Mas sentindo o desconforto íntimo agudizando com o impasse – alimentado pela aflição da incerteza, e pela pressão interna de se definir –, David, rapidamente, se reassegurou do que realmente almejava. E, mais desgastado e abatido, afirmou a sua intenção de se libertar da sua fixação.

Maria, agora de semblante pacífico, esfumou-se com um sorriso sincero.

Outra figura surgiu do negrume. Um homem idoso, de pele desgastada e baça, e barba a despontar. Respirava nervosamente, por entre suspiros pesados.

O homem ao tomar consciência de que não estava só, levantou os olhos. Ao reconhecer David, arregalou-os, firmando-os nele. As suas feições calmas transfiguraram-se, endurecendo e ruborizando, e os seus olhos raíram. Estava colérico.

- Tu?! Eu sempre te disse que não valias nada! Devias ter sido pedreiro como eu! Mas tu querias ser mais... Diferente... E olha ao que chegaste! És um... és um... um pária!

Um riso miudinho e sinistro, jocoso, ecoou, nascido da desilusão, da impotência, do desespero, da ira e da incompreensão.

David mais sereno, forçou-se a olhar o velho homem nos olhos, por muito que lhe fizesse doer o coração, e quisesse desviar o olhar. E lentamente descerrou os lábios.

- Eu... Eu estou no caminho onde queria estar. E, apesar de todos os

dissabores e da falta de esperança que sinto, aprecio o ponto onde estou. Mas tentei ser mais, ser melhor, mas a minha falta de visão e de força, e a minha natureza caprichosa, levaram-me ao erro, ao engano, à desilusão, e ao desperdício de oportunidades, e de tempo. Noutras alturas, eu precisei do tempo, para comportar, entender e aceitar as realidades que experimentava, refletir e aprender. Com a dor, o lamento, a insatisfação, e a clareza, vieram possibilidades de evolução, o crescimento, e uma nova capacidade. E o desejo de melhor.

Olhando compassiva e enternecidamente para o seu pai, as palavras correram doces e sinceras.

- Eu peço perdão pelo sofrimento que te trouxe, mas sem ele não era o homem que sou hoje. Por mais imperfeito, e miserável que eu seja, sou melhor do que alguma vez fui. Sou mais do que aquela criança submissa sentada em cima do muro de manhã, da qual te despedias, quando saías para trabalhar, afagando com carinho e esperança. Eu escorreguei, aprendi com os meus descuidos, guardei muitas das lições que me ensinaram, e aqui estou eu. Pronto para novas experiências, assente sobre o capital de conhecimento que resgatei. Pode ser pouco aos teus olhos, mas é um orgulho aos meus.

E um estado espírito firme, agradecido e humilde germinou em David, tão puro quanto o de uma criança, fazendo-o recordar outros tempos.

- Obrigado por tudo, pai. - disse David, com um sorriso terno e verdadeiro.

Com as mãos, o velho homem, comovido, tapou os olhos, escondendo as lágrimas sinceras e libertadoras que começavam a escorrer, e a humedecer a pele grossa, devolvendo-lhe vivacidade.

Testemunhando o sentimento de seu pai, emocionado com a experiência, David abraçou-o afetuosamente. Por entre os espasmos e o choro de ambos, redescobria o amor e a doçura do seu pai, que já quase tinha esquecido, de há tanto tempo que se tinham afastado.

As mãos grandes, fortes e húmidas descerraram-se, expondo os olhos vermelhos e a face inchada. Os braços desceram e rodearam o corpo do seu filho. Puxou-o para si, estreitando o abraço sincero que agora envolvia os dois.



Na comunhão que ambos experimentavam, ressentimentos, culpas próprias e traumas reconheciam-se, aceitavam-se e perdoavam-se, e se dissolviam numa calorosa expressão de amizade, genuína e imaculada.

Com o fim das mágoas veio uma sensação de paz, silenciando os gemidos e acalmando a respiração. Instalou-se um silêncio, de deferência para com a nova relação que tinham inaugurado.

Quando David abriu os olhos, os seus braços arqueavam-se sobre o vazio.

Os seus lábios esboçaram então um sorriso largo e sincero, e deu uma gargalhada sonora. Sentia-se leve e brincalhão, como se o peso do seu sentimento exacerbado de culpa, que tinha carregado até agora no seu coração, e o mantivera em rígida contrição, se tivesse esfumado.

A alegria ecoando doce e livre, afastou os medos. E com nova visão, David olhou arrebatado, no céu limpo, o firmamento de infinitas estrelas.

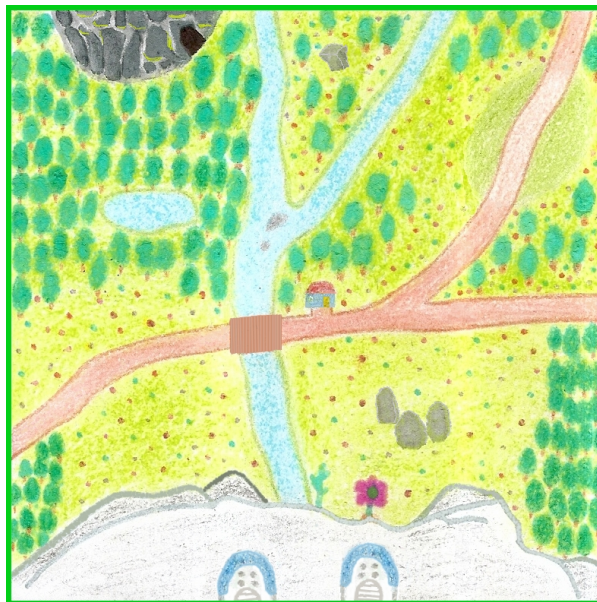
O calor da esperança – renascida - residia no seu coração, e o vivificava.

Capítulo XXVII

No pináculo do monte, ainda resfolgando da subida íngreme, David olhava maravilhado o horizonte. Admirava pequenos pormenores que lhe tinham escapado aquando da escalada, e reconfortava-se na sua beleza.

Realmente havia muito que tinha ignorado, durante a sofrida e extenuante ascensão. No sufoco, a sua atenção tinha-se concentrado nos desafios imediatos, e na resposta a eles, esquecendo o resto à sua volta.

Agora ele observava essa riqueza descurada. Flores de várias cores, árvores verdejantes dançando, um rio argenticéruleo desfilando em baixo. Um manto de magnificência se estendia aos seus pés.



- *Simplesmente belo...* - desabafou David, arrebatado.

Os seus olhos dirigiram-se para as ladeiras e para os picos, acabando por se fixar nas planícies que se perdiam de vista. O horizonte lembrava a David que haviam outras paisagens – ocultas – para lá da sua perceção.

Afunilando a visão, com os olhos semicerrados, David conseguia discernir ao longe uma outra montanha, mais alta, mais imponente, mais majestosa. Um lugar mais elevado, que oferecia um panorama mais vasto e diverso.

Com um sorriso desafiador nos lábios, David ponderava mentalmente o caminho para lá chegar.

Capítulo XXVIII

Uma brisa suave vagueava pela imensidão soalheira e azul, e ondeava a maré. O oceano tranquilamente seguia o seu curso, perdendo-se para lá da linha do horizonte.

Paz, uma sensação de paz impregnava cada elemento aos olhos de David. Cada movimento surgia-lhe consonante, bem compassado e doce, e o silêncio era reconfortante. Uma melodiosa harmonia ao entendimento envolvia-o, e vivificava-o.

A cada passo, a planta do seu pé colava-se à superfície da água, que sustentava o seu peso. O corpo quente chocava com a frescura líquida, que o suportava e serpenteava em baixo, à volta de seus pés.

A sensação de caminhar sobre as vagas era simultaneamente estranha e maravilhosa, assemelhando-se ao andar sobre a areia. Os salpicos ocasionais que humedeciam a sua pele, e por ela deslizavam, confundiam-se com grãos dardejados pelo vento. No entanto a massa líquida existia em constante mutação, reformando a paisagem a cada momento, e ocultando logo cada pegada, mal o pé levantava o seu domínio sobre a superfície aquosa que o tinha amparado.

A cena que ele testemunhava, e da qual era parte integrante, ao seu coração era imaculadamente sublime. Um sentimento de integração difundia-se pelo íntimo de David, extasiando, elevando, tranquilizando-o.

Levados pela curiosidade, os seus olhos se precipitaram nas profundezas límpidas. Lá eles tentativamente descortinavam cardumes multicolores, deslizando rápidos pela água, e vultos volumosos e solitários navegando calmamente, em um vitral azul permanentemente em reformulação - a riqueza da vida no seu ecossistema submerso.



Ocasionalmente, enquanto David procurava focar a sua visão na fundura, dava por si presenciando o reflexo quase perfeito do sol doirado.

Ao longe, jatos de água elevavam-se no ar, e cintilavam como diamantes, sobre concavidades escuras mareando. Mais perto, barbatanas cinzentas entrecortavam as marés, aproximando-se e circundando-o, para logo se afastarem.

Assim caminhava David pela imensidão de pequenas vagas murmurantes, em travessia, procurando um litoral atraente, onde pudesse aportar.

Capítulo XXIX

A mão de David envolveu a maçaneta fria, segurando-a com firmeza. Depois de uma rápida e profunda inspiração, com agilidade rodou o puxador e empurrou a porta.

À medida que a entrada se descerrava, e o seu pensamento ia fazendo razão do que ia vendo, os olhos arregalavam e o queixo descaía. Protogaláxias, galáxias, estrelas, buracos negros, planetas, cometas – vários fenômenos cósmicos, de diferentes cores, formas e tamanhos, desfilavam pelas superfícies vítreas que confinavam a divisão. Cada um no seu movimento próprio, à sua distância relativa, orbitando pelo espaço. Sem mais nenhuma fonte de luz, os astros ofereciam uma claridade suave e misteriosa ao ambiente.

O espanto do choque inicial, deu lugar à curiosidade, ao respeito e ao temor, pelas implicações que pressentia naquela experiência, que considerava como, íntima e fundamental.

David entrou na sala, e começou a estudá-la.

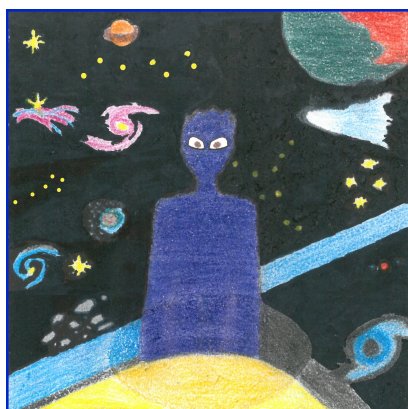
Lentamente ia crescendo nele um desconforto íntimo.

As impressões, e a intensidade que associava a elas, começaram a pesar-lhe, a sobrecarregá-lo, a pressionarem-se contra a sua alma, inquietando-o, problematizando-o, acoassando-o.

David sentia desconforto, medo. Queria fugir. Mas a curiosidade e o desejo de evoluir, sobrepuseram-se à vontade de escapar, e impelido pela sua ambição, continuou a explorar.

No meio da divisão, obscurecidas, quase invisíveis, estavam uma mesa e duas cadeiras, translúcidas. Uma figura, encoberta pelas trevas, jazia sentada do lado oposto da mesa, e suspirava ocasionalmente de forma ruidosa.

Esta, ao sentir-se estudada, mirou na direção geral de David, acabando por cravar os seus olhos reluzentes nos dele, arregalando-os exageradamente.



O desconhecido, excitado, esboçou um sorriso desagradável, falso, malévolo, e, por fim, divertido, examinando-o de volta.

- *Bem vindo.* - disse o vulto com ironia.

Caprichosamente seguia David com os seus olhos, ansioso.

- *Senta-te...* - sugeriu sedutor.

David arrastou a cadeira vaga para trás, e instalou-se. Debruçou-se sobre a mesa, apoiou os cotovelos na superfície fria juntando as mãos, e atentou no seu aparente rival.

A penumbra desvelava finalmente a personagem que passivamente o hostilizava.

E com muito custo, David manteve a sua compostura ao conhecê-lo. À primeira vista pareceu a David que estava a ver a sua imagem refletida num espelho. O seu interlocutor parecia-se exatamente com ele! Com dificuldade continha o seu desconforto.

Mas, com uma observação mais atenta, se tranquilizou. Notava diferenças, no aspeto do outro. A cara parecia-lhe mais larga e menos alta, os lábios mais finos, e a sua atitude e comportamento eram-lhe estranhos. Assomava-se-lhe como malicioso, jocosos, impulsivo, instintivo, sedutor.

O olhar de ambos se entrecruzou sob a luz-fusca, e em David aflorou a ideia - possivelmente exagerada - do Universo a observar-se a si próprio.

Como dois animais encarcerados juntos - inseguros, nervosos, ansiosos -, concentraram a atenção um no outro. Estudavam o seu companheiro de jaula, tomavam consciência dele, enquanto procuravam estabelecer o seu domínio sobre a situação.

Quanto mais se conheciam, mais se alarmavam e perturbavam, com o entendimento crescente da natureza oposta e concorrente dos seus anseios. Um buscava a compreensão e o poder para crescer, vencer os obstáculos e ser feliz, enquanto o outro procurava somente se distrair no prazer momentâneo e no capricho, não desdenhando entrar em comportamentos auto-destrutivos. Nenhum aceitava comprometer os seus objetivos, nem a existência do outro e das suas vontades.

Dois lados de uma mesma moeda, discutindo, lutando, buscando a sobrevivência, a supremacia e a realização dos seus anseios, no mesmo espaço, sem aceitar compromissos.

Cada um engendrava ardis, para manietar e vencer o outro. Entreolhavam-se com insegurança, ansiedade e ódio, desejando, imaginando a vitória sobre o opositor, e a materialização dos seus desejos.

As ideias corriam rápidas, intensas e perceptíveis em David, e a ansiedade crescia no seu íntimo. E com o aumento da excitação, e algum cansaço que começava a se fazer sentir, algumas das ramificações das suas ideias começavam a lhe parecer demasiado subtis, para totalmente as entender, e isso despoletou nele incerteza e medo, inquietando-o. Ele bloqueava esse raciocínio, e lhe fugia, direcionando a sua atenção para o que era de fato capaz de perceber, e para o confronto presente.

O seu adversário procurava miná-lo, alimentando o desconforto nele, atiçando-o. Procurava contradições no comportamento de David, e tentava seduzir-lo com promessas de prazer, forte e sublime, e inconsciência.

David sentia-se entre o céu e o inferno. O seu pensamento saltava entre a concepção de trabalho responsável, sincero, alegre, e cansativo, pelo seu crescimento pessoal, e a doce, intoxicante e libertina tentação de o rejeitar, de sossegar e se deixar subjugar pela confortável busca de prazer. A sua consciência vacilando entre os extremos, inquietava-se, problematiza-se, pesava, e turvava.

Vivificado pela sua discussão das suas aspirações, e a imaginação delas, David, mais alentado e esclarecido, no meio da sua perturbação, lutava por compreensão sobre si próprio, e o seu adversário. Mas algumas ideias pareciam demasiado subtis no tumulto interior, e escapavam ao seu entendimento. Isto perturbava-o, e assustava-o, mas continuava a batalhar, apesar da maior insegurança, tentando assegurar o seu domínio sobre a discussão.

Por outro lado o seu rival congeminava. Animado com o conflito interno, regozijava-se, e escarnecia do sofrimento alheio. Atacava ferozmente, exagerando a verdade e ocorrendo à mentira, quando sentia que servia para destabilizar o seu interlocutor, e prevalecer na discussão. O seu raciocínio corria ágil e esclarecido, alimentado pela sua intensa paixão, por vezes mal contida.

Não parecia haver nenhuma ideia que um conhecesse que o outro ignorasse por completo. Mas David trabalhava mais com o coração e menos com a razão, compensando com forte desejo aquilo que faltava em clareza, enquanto o seu adversário aguçava, com prazer, a inteligência e dialética.

Observavam-se, procurando no outro uma fragilidade que pudessem explorar, com a qual pudessem convencer, vencer e destruir o adversário. Lançavam ardis, e quebravam-nos, na esperança de um momento em que o ataque desferido golpeasse mortalmente o inimigo, ou o deixasse em contrapé.

Um atacava, o outro acusava o golpe e sofria. E por sua vez se preparava para contra-atacar, com tenacidade, quando o momento que permitisse a riposta se apresentasse.

Ambos em pé de igualdade, sem fazer grandes concessões, mas mitigados pelo cansaço e pela comoção, que iam aumentando à medida que a batalha

alastrava.

David falava de esperança ao adversário, que a afastava com a ideia, e a imaginação, do desespero. O desejo puro e fremente de felicidade era combatido com a doçura e a facilidade do prazer, e a promessa de mais, ofuscando, quase por completo, a necessidade implícita de cedência das aspirações pessoais para a satisfazer.

Ideias eram atiradas, na expectativa de chocar e desarmar. Incitar sofrimento profundo e sentimento de impotência.

Com o avançar da hora, e o alongamento do conflito, David mostrava-se agora notoriamente abalado, mais fraco e inseguro, e cansado. A sua consciência cedia, por vezes, refugiando-se em lugares abstratos, longe da ação, onde buscava um pouco de conforto, para momentos depois voltar a se focar no conflito presente.

Animado pela percepção do cansaço, e da menor consciência de David, o seu companheiro de divisão pensou em usá-los contra ele, para vencer definitivamente a contenda. Investiu no esforço de desgastá-lo mais, e aumentou o cansaço de David. Procurou confundi-lo mais, aproveitando-se do menor esclarecimento, e atacou-o ferozmente. Fez o conflito escalar, e intensificou o sentimento de incerteza, o medo, a insegurança e o desconforto, turvando o pensamento, e fazendo-o estremecer. E no auge do purgatório, prometeu-lhe a doçura e o sossego na rendição, a ausência de conflito e o descanso, o esquecimento, se se entregasse.

A sedução era deliciosamente tentadora. A ideia e a imaginação do conforto, na renúncia, soavam agradáveis - ao espírito esgotado -, e prazerosas. E lentamente, com estas percepções agradavelmente suaves, erodiam a força, a vontade e o desejo de evoluir de David, que se ia entregando à ideia de desistir.

Observando-se a se render aos poucos à tentação, sofria, e rebelava-se. Mas a sua convicção e consciência iam-se perdendo para a observação do prazer, e a sua manifestação, para o comodismo, para o capricho e a inconsciência.

David, sentindo a urgência de agir - pela importância crítica que reconhecia no momento, para a progressão da sua existência, e pela sua dificuldade em se conter -, e com pouca capacidade para gastar em mais artifícios, decidiu, em um ímpeto de coragem, e determinação, largar o conflito. Decidiu abdicar da discussão, da sedução e da resistência a ela, e buscar sinceramente uma verdade, uma conduta, maior, que combinasse estas experiências, ambições e vontades, em choque.

Refletia sobre as suas experiências, extraía delas ideias que considerava importantes, e formulava teses, que procurava confirmar com as suas observações. David construía um encadeamento lógico imparcial e conciliador das posições antagônicas.

E em um raciocínio fulminante, justapondo, com certeza e força inabaláveis, conceitos apartados, David compreendeu algo, que, pelo tamanho da sua verdade, e a sua importância, o arrebatara.

- Este conflito acontece dentro de mim. O meu inimigo sou eu... É a minha sombra. Os desejos dela, são meus... Ela é uma parte de mim! - murmurou fascinado, experimentando um intenso bem estar, que desaguou em uma sensação de paz.

Na altura em que a sua consciência discernia as ramificações desta descoberta, as duas imagens idênticas de David, mas não iguais, aproximaram-se, atraídas uma pela outra, e fundiram-se numa só. O resultado não era nenhuma das duas, mas era uma composição de ambas.

Os discursos, dos dois, se combinaram, e se encadearam logicamente, em alternância. E uma nova e maior clareza se instalou em David.

Agora só havia um ser. Um ser escolhendo o propósito para a sua atividade mental, equacionando a sua ação, a decidindo, e agindo de acordo. Por vezes interrompendo um raciocínio próprio, impulsivamente, por outro anseio. Um ser operando, se observando, se analisando, se discutindo, e deliberando. E com isto agindo, se definindo para si, e para os outros.

E por vezes, incomodado com a pressão interior auto-imposta, fugia ao entendimento realizado e ao peso da situação, para alguma realidade abstrata utópica, regressando desiludido e envergonhado, descansando momentaneamente, e começando novo raciocínio.

A percepção destas realidades, na perspectiva de David, ainda era reduzida, havendo muitos elementos que lhe escapavam. Mas ele sentia o encadeamento lógico, ainda que, por vezes, quase invisível, ligando os diferentes componentes do seu pensamento, dando-lhe sentido, e fim.

E, com isto, a revelação pessoal, que pressentia, encontrou expressão. Possibilidades infinitas e a possibilidade de as empreender, num só corpo. Hipóteses equacionadas - nascidas do desejo pessoal -, empreendidas pelos seus resultados, pelo seu significado, e pela satisfação pessoal que nelas se espera encontrar.

E a discussão, decisão e a ação de realizar, ou não, estes impulsos, essas fundamentais e inalienáveis faculdades, eram suas de direito. Mas... sentia e pressentia o efeito de diferentes estímulos sobre si, atuando sobre o seu pensamento, relacionando-se com as suas aspirações, as suas crenças, os seus conflitos, e os seus medos, transformando as suas ideias - o mudando intrinsecamente, e o condicionando.

Ficou pensativo, procurou reunir as suas impressões, organizando-as, discutindo e conjugando-as em um entendimento só.

Depois, David, reconhecendo o seu poder e a sua responsabilidade, e o

perigo do mau uso (inerente à capacidade), arrepiou-se, e sentiu-se feliz. Levantou-se e caminhou soberano em direção à porta, e a abriu.

Uma luz fulgurante e quente irrompeu pela entrada, e envolveu David. A cena se esfumou.

Capítulo XXX

O vidro translúcido da enorme janela disseminava a luz da manhã pelo quarto, fazendo a divisão reluzir.

A cor branca das paredes em algumas zonas descamada, a velha cómoda gasta e vazia, a própria cadeira de madeira, ressequida, apartada a um canto, brilhavam sob o espectro da claridade refletida.

David jazia deitado, inanimado, com os braços, ao lado do corpo, prendendo o cobertor. Sobre a sua mão esquerda estava um cateter de infusão venosa. Os seus olhos abertos, baços e inertes, se fixavam algures no espaço sobre si.

A luminosidade da divisão acentuava-lhe a palidez, e as olheiras, atribuindo-lhe uma aparência frágil, e enfraquecida. A cama estava impecavelmente limpa e arranjada, e o suporte de soro ao lado reluzia.

Subitamente os olhos estremeceram, e se focaram. A testa franziu e os músculos da rosto se comprimiram num esgar de dor, soltando-se um grito rouco. David começou a se contorcer e bramir, sacudindo o tubo translúcido ligado à sua mão, e fechando os olhos, e os escondendo sob o cotovelo direito. David, lenta e dolorosamente, se estava a reajustar ao esplendor do mundo, do qual tinha fugido.

A sua outra mão, irrequieta, tateava a manta que o cobria, e as pernas afilavam-se e agitavam-se, compreendendo a extensão - David sentia e procurava orientação pelo toque, enquanto procurava lidar com o desconforto.

- *Uma cama...* - murmurou ele, reassegurando-se.

Aos poucos o desconforto começou a diminuir, e já conseguia abrir os olhos, embora ainda os sentisse inflamados. Pouco depois, já mais habituado ao ambiente, destapou a cara.

Mais à vontade, David voltou a atenção para a sua situação. Amnésico, confuso, incapaz de formular uma resposta que explicasse a circunstância em que se descobria, começou a observar o quarto espartano.

Do saco de soro que pendia ao seu lado, e do cheiro intenso a desinfetante, David rapidamente deduziu que deveria estar em algum estabelecimento hospitalar. Qual, e de que tipo, não sabia dizer, porque não havia indício que lhe desse uma pista. E um desconfortável e ameaçador silêncio pairava sobre a simplicidade das acomodações.

Uma sensação de isolamento tomou conta dele, transformando-se rapidamente em alarme, e desembocando em pânico aflitivo, sobre a ideia de estar abandonado sobre uma cama de hospital.

David procurou energicamente se levantar. Sacudiu com vigor o fio do soro, mas os seus músculos débeis latejavam, e ameaçavam se desmanchar na tentativa de suportar o peso do seu corpo. E a consciência começava a turvar com o esforço.

Esta experiência tão súbita, intensa, e íntima, levou-o a largar o medo e o sentimento de pavor, e a se focar com seriedade, no presente, em si, distanciando-se das suas emoções, e fazendo-se serenar.

Com a segurança e a calma possíveis, David se voltou a deitar, com a consideração de que ainda se sentia demasiado abatido e aturdido para se levantar. Decidiu esperar mais um pouco até se sentir mais capaz.

O temor recente voltou ao seu pensamento, começando a se apoderar dele. A sua respiração tornava-se mais rápida e superficial. E o medo tornava-se, agora, tangível, ganhando novos contornos.

Nisto, em um raciocínio rápido, invulgarmente acutilante, e subconsciente, David argumentou que a discussão deste tema o inquietava em demasia, e o levava a um estado de apavoramento que ele não queria viver. Forçou-se a deixar o tema, e serenou, esvaziando a sua mente.

De repente a porta se abriu, e um homem assomou à entrada. Pelos breves instantes que se deteve à entrada, David - empolgado e assustado - o tomou por um rapaz, de uniforme branco, hirtó, de olhos arregalados, aparentemente surpreendido.

Abalado, David ficou a meditar sobre a experiência. A expressão do rapaz - enfermeiro? - perturbava-o. Uma grande sensação de desconforto tomou conta dele.

«Será que se passa algo de grave? Onde é que eu estou afinal?!»

As questões amontoavam-se sem resposta. E, com elas, crescia uma sensação de incerteza, e profundo desconforto. Sentia-se impotente, limitado, vulnerável.

David procurava uma explicação para a sua situação. Vasculhava as suas memórias por indícios que o pudessem orientar. Mas não conseguia encontrar nada de concreto e credível, a que se pudesse agarrar. Sentiu medo.

As ideias começaram a se suceder inquietantes e surreais, espelhando a sua insegurança e preocupação. A sua boca ficou quente e seca, perdeu sensibilidade, e começou a tremer. Estava em pânico!

Mas, tomando consciência do seu pavor, sentindo-o propagar com a sua imaginação, e vendo-se dotado de invulgar calma, clareza e fortaleza na sua reflexão, ele se decidiu a se sossegar. Não ganharia nada em se perder por entre os seus receios, a não ser um sofrimento maior.

Com isto em mente, David procurou serenar a respiração, impelindo-se a inspirar, e expirar mais suave e demoradamente. O que se quer que se passasse, decerto, seria mais fácil de lidar se estivesse calmo, descansado e racional. Suspirou longamente, e deixou-se relaxar, e recuperar, à espera do momento em que a realidade demandasse de novo a sua atenção.

Algum tempo depois uma mulher, de ar severo e despachado, perfilou-se à porta. Percorreu com um relance a divisão, fixando o olhar nele, e avançou na sua direção.

Sem gastar tempo em introduções nem amabilidades, a médica aproximou-se e atirou expedita:

- Finalmente acordou! Como se sente?

Surpreendido pela agressividade da interpelação, David articulou alguns gemidos.

E depois, já mais confiante, balbuciou:

- Ai! Eu sinto-me um pouco fraco...

David procurava, no entanto, se sentar. A médica adivinhando a sua intenção, encostou a mão ao ombro dele, e abanando a cabeça em jeito de reprovação, incitou-o a sossegar.

- O senhor foi, encontrado catatónico há três dias em sua casa. E foi trazido de ambulância para este hospital.

- O quê?! - David elevou a voz em choque, mais desconcertado e envergonhado, que assustado.

Memórias vagas e fugidias, vindas dos limiões da consciência, desenterradas inesperadamente, apoiavam a aclaração da médica.

A mulher preparava-se para recontar os factos, quando David atalhou, anuindo.

- Eu compreendo. - murmurou, afastando o olhar.

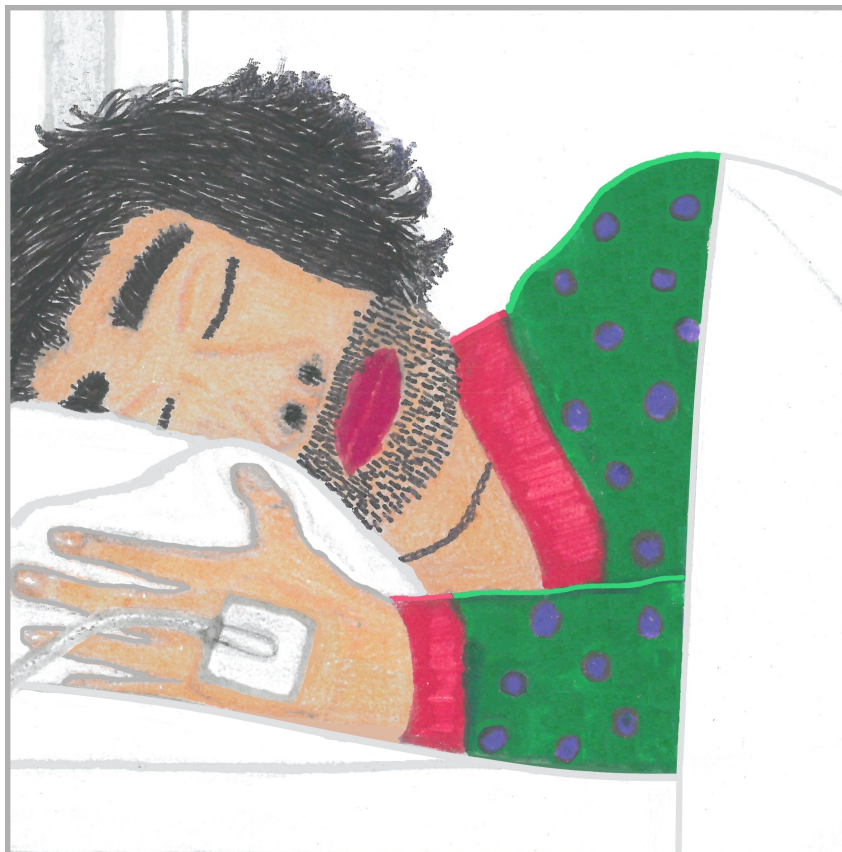
Passado o desconforto inicial, e começando a aceitar melhor a explicação - ainda que algo envergonhado, desiludido e deprimido -, David deixou-se relaxar, e serenou.

- O senhor, embora não evidencie nenhum problema físico ou psicológico, devido à sua debilidade, vai ficar pelo menos dois dias em observação. Se tudo correr bem até amanhã, eu lhe darei alta e poderá deixar o hospital. Está bem?

- Sim. Obrigado. - respondeu sucintamente, fixando os seus olhos por um instante nos dela, desviando-os depois.

O silêncio, e o embaraço de David, sinalizaram o fim da conversa, e a médica, após alguns momentos, abalou do quarto.

David virou-se para o seu lado esquerdo. Olhou em volta com pouco interesse, e suspirou longamente, fechou os olhos, e deixou o tempo passar.



Capítulo XXXI

Confiante, a passo rápido, David percorria o corredor do hospital na sua marcha final para a liberdade.

Após dois dias de recuperação tranquilos, a médica não hesitou em lhe dar alta, e lhe desejar a melhor sorte.

A atitude, essa tinha mudado nestes poucos dias de internamento. De desalento e confusão para o estado de esperança e graça que ele agora sentia. O que se tinha passado entretanto, e o trouxera aqui, eram terrenos de incerteza e especulação, de narrações subjetivas e discutíveis em constante mutação.

Mas algumas memórias tinham entretanto ressurgido. Lembrou-se de Maria, e da tentativa de chantagem dele. Um peso crescia sobre o seu coração ao pensar nisto. Lembrou-se vagamente também dela o ridicularizar e rejeitar, definitivamente. Isto aliviava um pouco o sentimento de culpa que carregava, e paradoxalmente o alegrava, ao sentir que ela estava uma mulher forte e decidida, buscando a sua felicidade.

Pensou voltar a falar com ela, só para lhe pedir desculpa. Mas valeria a pena se a sua amizade estava definitivamente arruinada? Ela tinha seguido em frente com a sua vida, e com certeza o odiava. E com razão!

Cansado de questões, de dúvidas, e ciente da importância questionável de revolver compulsivamente o passado, David decidiu aceitar os factos que recordava e a explicação que amalgamara, aceitar o final imperfeito e repugnante da sua relação, e voltar a sua atenção para o presente. Pois era na confluência entre o passado e o futuro que a sua atenção e ação tinham influência.

Reassegurando-se a si próprio da validade das suas próprias conclusões, expirou profundamente, procurando se libertar da tristeza e culpa que se tinham alojado entretanto no seu coração, e da tensão que já começava sentir. Focou-se no crescimento que tinha efetuado – para o qual os episódios menos bons serviram como degraus –, na sua conquista de uma maior consciência de si próprio, e de uma maior bondade. A porta de vidro estava agora mais próxima e nítida.

As pessoas com quem se cruzava no corredor eram ignoradas pela sua atenção, ainda focada em se entregar e fixar no sentimento de felicidade, que ele sentia que queria.

A cada pernada a sua confiança aumentava, e uma sensação de furor começou a banhá-lo. Uma sentimento de graça estranhamente familiar se instalava no seu íntimo. Animado, David se deixou relaxar, e decidiu expandir a sua consciência, largando os seus conflitos, e passando a contemplar os

outros ao seu redor, as particularidades do caminho, e as suas próprias sensações ao percorrê-lo.

David sentia-se leve e feliz. Subconscientemente, esboçou um sorriso largo. Era como se a máscara que ele lutou tanto por tirar, tivesse finalmente caído, e detrás surgisse o seu rosto iluminado.

Subitamente uma mão pequena e engelhada esticou-se e apertou-lhe o braço, com força suficiente para se fazer notar.

Surpreso, David virou-se, incerto do que iria encontrar. E a insegurança transformou-se em confusão, ao ver um rosto que não se lembrava conhecer.

Uma mulher idosa, de cabelo cacheado, esboçava um sorriso sincero e rasgado para ele, como se tivesse acabado de receber uma notícia fantástica.

- *Olá camarada!* - saudou-o carinhosamente.

Ele expressou desconcerto. Gaguejou, procurando as palavras certas para falar com a velhinha, tentando não defraudar as suas expectativas.

- *Olá... desculpa, eu não te tinha visto. Estás bem?* - David respondeu à mulher com doçura, procurando conquistar a sua confiança.

- *Pois não! Eu estou sempre na mesma! Tu ias-te embora sem te despedires de mim?!*

A pergunta desorientou-o. Com o fraseado percebeu que a mulher o conhecia bem melhor do que ele a ela. O que o deixou apreensivo.

«*Quem é esta mulher? De onde ela me conhece?*»

Um silêncio desceu incómodo sobre o diálogo, com os olhares de ambos cruzando-se. Inconscientemente, as feições de David perdiam o sorriso amistoso, ganhando uma aparência séria e desconfiada.

A idosa apercebendo-se desta transformação gradual, alargou o sorriso, e interpelou-o.

- *Não te lembras de mim? Não te lembras das minhas visitas?*

«*Visitas?! Que visitas?!*»

A mulher continuou.

- *Não te lembras dos nossos encontros de manhãzinha, depois do enfermeiro passar no teu quarto? Eu ia-te fazer companhia. Puxava a cadeira e sentava-me a falar contigo.*

A consciência de David sorvia atentamente as palavras proferidas. E uma

sensação de familiar emergiu repentina. E a ela seguiram-se algumas lembranças, algumas histórias e gemidos sentidos, acompanhados de lágrimas.

David começou a relembrar vagamente dela, e da história do internamento da mulher no hospital, pelo filho e a sua nora, que insistiam que ela estava doente e precisava ser internada, quando ela sentia, jurava, que não estava mal. De vez em quando também falava dos seus tempos de cantora popular, com o acordeonista que um dia veio a ser seu marido, e mais tarde morreu de cirrose, cantando em festas, e viajando, historiando algumas das peripécias que experimentaram juntos. E descrevia divertida sobre os dois periquitos, que volta e meia pareciam gato e rato, saltaricando ruidosamente dentro da gaiola, de um lado para o outro, na marquise. E as aventuras do seu neto. As saudades que ela tinha dele levavam-na, entre gargalhadas saudosas, às lágrimas, e ele tinha a sensação que as visitas habitualmente terminavam em pranto ruidoso.

A mulher estava só! Com poucos que lhe dessem algum do seu tempo - provavelmente pela sua carência profunda de atenção e carinho, que redundava na tendência a repetir as suas histórias e em crises de choro -, aproximou-se daqueles, poucos, que não a maltratavam e a evitavam.

«Esta mulher talvez nunca venha a sair deste hospital.»

A ideia amargurou-o. E o desgosto que sentia, impedia-o de ser indelicado para ela, que o acompanhou, mesmo quando ele jazia inerte.

Buscando o calor e o amor que guardava dentro de si, David afagou a face enrugada, que apesar da surpresa, consentiu a carícia. O gesto quebrava a barreira da distância normalizada pelas vontades e pela sociedade, e uniu os dois corações num ato de amor.

Depois de alguns momentos de silencioso deleite, David preparou-se para se despedir.

- Eu vou-me embora. Eu vou ter saudades tuas! Dá um beijinho ao teu neto da minha parte. Obrigado pelo teu carinho.

A visão da mulher transitou imediatamente para o chão, ao temer que não mais se encontrassem. Escondeu os seus olhos, e lutou para não chorar.

- O que vais fazer depois de sair daqui?

Apesar de inesperada a questão, não lhe causou qualquer estranheza, tamanho o seu investimento nela. David reconheceu a resposta, mal compreendeu a pergunta.

- Eu vou ser feliz. Eu vou fazer-me feliz! Vou ouvir o meu coração, e segui-lo. Eu não quero mais subjugar a minha vontade à daqueles que eu amo. Nem quero mais me contentar com ter, objetos, que primeiro idolatro, e me

satisfazem, e depois aprendo a ignorar, e me deixam vazio, e triste. Só. E ainda assim me sinto preso a eles.

A idosa riu timidamente, ciciando, insegura do significado das palavras dele, confusa.

Reconhecendo a incerteza nos trejeitos forçados e erráticos da idosa, ele se decidiu a macerar as suas ideias, a extrair a essência, e a comunicá-la de forma a que pudesse ser compreendida pela diferente sensibilidade dela.

- Eu quero cuidar da minha própria voz, trabalhá-la, e cantá-la aos corações dos outros, no momento em que a música me chama, e o meu peito e cordas vocais estão prontas.

A mulher, lembrando o seu tempo de cantora, ouviu, compreendeu o sentido detrás das palavras, e guardou-o no seu íntimo, com um sorriso sincero de agradecimento e reverência. Aquela afirmação, cheia de verdade e amor, ainda que imaterial, era uma prenda valiosa, pelo testemunho de uma outra vida, com algumas outras ideias que ela antes ignorava, e a tornavam agora mais rica, mais capaz, e também mais feliz.

David sentia-se afetado, pela profundidade do entendimento que encontrou, dentro de si, e com a mulher idosa, e pela intensidade da comunhão que experimentava neste momento. Comovido, inseguro, sem encontrar nada mais para acrescentar, e querendo sair dali depressa, para cessar aquele desaconchego, e refletir sobre o que se estava a passar com ele, se despediu desajeitadamente, com ternura.

- Eu vou sentir a tua falta! Um dia destes venho-te visitar, depois de pôr a minha vida em ordem. - disse olhando-a nos seus olhos esbugalhados de criança.

Esperança, aflorou nos olhos da velha mulher, à medida que eles adquiriam um brilho cristalino.

Voltou-se para a porta vítrea, ainda afastada, e continuou a percorrer a distância que o separava dela, mas agora com passos lentos, e contidos, pela sua vontade de refletir sobre o que acabou de se passar, e ainda o perturbava. Sentia ainda profundamente o amor, a clareza e a felicidade, de um momento de comunhão único e elevado - espiritual -, entre dois seres sinceros disponíveis, e recetivos. Aceitou a vivência, e o seu entendimento dela, e procurou pôr a experiência para atrás das suas costas.

O passo acelerou, e perdeu a sua característica trémula, tornando-se decidido.

A saída aproximava-se agora rapidamente, enquanto David retomava a sua atitude despreocupada, objetiva e confortável.

Um raciocínio veloz e ilusivo tomou momentaneamente a sua atenção, e sem

saber bem porquê se sentiu impelido a expressar a conclusão a que nele tinha chegado nele, afirmando:

- Eu vou enviar um email a Maria a pedir desculpa.

Por momentos desviou quase toda a sua atenção, deixando o seu corpo se movendo automaticamente, e se focou no tema. Procurava discernir as possíveis ramificações, e os sentimentos sobre elas. Mas o presenteurgia a atenção dele. Sentindo essa urgência, que brevemente exigiria uma decisão, ele deixou o tema, e concentrou-se na porta translúcida à sua frente.

Com um forte empurrão descerrou a porta. Uma aragem quente e seca penetrou pela abertura e o envolveu.

Apoiou-se sobre a porta, forçou a abrir-se. E quando a abertura era suficiente para ele, continuou a empurrá-la até as dobradiças lhe resistirem. Deu um passo para lá da saída, e abraçou a luz do dia.

Depois de um relance sobre o espaço aberto à sua frente, fechou os olhos, e inalou fundamente o ar sufocante, carregado de múltiplos e exóticos aromas. Suspirou longamente pela boca, entregando-se completamente ao ato, sentindo alegria, um pouco de medo, e uma dimensão de comunhão e de paz. Abriu-os novamente, com rapidez, armando-se com esperança, força, e vivacidade, e deu outro passo em frente. E outro, e outro.

À medida que David caminhava sob o céu azul, desabrido, sentia uma brisa fresca saracotear pela sua pele, enquanto o ardente Sol, da tarde de Verão, o queimava e prateava o seu caminho.

A idosa continuou a fitá-lo, imóvel, enquanto ele se afastava. Viu-o reduzir-se a um ponto brilhante na distância, até que, finalmente, se evaporou na paisagem cintilante.



Epílogo

«Como sobrevivi a tudo?»

Essa pergunta difícil, que ocasionalmente saltita no pensamento, e que David habitualmente ignora.

Desconsidera a questão desculpando-se com a falta de tempo, quando na realidade tem medo dela. Porque acompanhando o olhar sobre a escuridão, da qual escapou, existe sempre a tentação de para lá voltar. A sedução moribunda que sibila e provoca.

Mas desta vez David aquieta o seu coração latejante, e olha profundamente para o negrume, buscando a resposta. Identifica sensações, emoções, e sente-se tentado por elas. Mas a sua vontade, ainda que corroída pela tentação, resiste.

E no coração das trevas passadas, vê uma pequena chama luminosa afugentando-as. Reconhece aí a sua vontade inabalável de viver.



O desconforto, a insegurança, a alegria e a curiosidade, do momento, avivam em David uma memória, que na impressão que oferece, parece se adequar aos seus sentimentos. E com a promessa de acrescentar novos sentidos à discussão - descobertos com a maior maturação da sensibilidade -, fazem acreditar ser importante torná-la consciente.

Com uma sucessão de imagens desfocadas, com pouco de concreto, traz uma ideia, que agora adquire um especial significado para David. Sentindo a

verdade daqueles conceitos, em entendimento, ele se esforça por os fixar em palavras, e começa a murmurar para si:

- Se todo o homem é diferente, e o carácter define o destino do homem, a sua luta não é uma escolha, mas um chamamento.

David não se recorda mais onde apreendeu esta ideia, mas isso nem tem grande importância. O que realmente o interessa, e torna o resto insignificante, é que ele finalmente percebe a verdade contida naquelas palavras, e a sente a cursar em si. A sua consciência expandiu, e experimenta sensações de pureza, felicidade e paz.

David vê agora a sua vida com novos olhos.